

**Universidade de Brasília**  
**Departamento de Antropologia**

**Contar para o mundo: a produção audiovisual de Conceição das Crioulas - PE**

**Ana Rabêlo Rodrigues**

**Brasília, DF**

**2014**





**Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia**

**Monografia de Graduação**

**Contar para o mundo: a produção audiovisual de Conceição das Crioulas - PE**

*Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.*

**Ana Rabêlo Rodrigues**

**Banca Examinadora:**

**Christine de Alencar Chaves (DAN/UnB) – Orientadora  
Edileuza Penha de Souza (DEX/UnB)**

Brasília  
Setembro, 2014.

À Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas



## Agradecimentos

Como não poderia ser diferente, gostaria de primeiramente agradecer à Comunidade de Conceição das Crioulas por me ensinar tanto, me fazer uma pessoa com mais capacidade de ver, enxergar e observar o mundo. Fui transformada por todas e todos vocês. Em especial gostaria de agradecer a Givânia por ter possibilitado a realização dessa pesquisa e por tanto ter me ensinado, dentro e fora do INCRA. Meus agradecimentos e carinhos a Espedita, Kêka, Lena, Moisés, Tico e Valdeci pelo acolhimento em suas casas e em suas vidas. Tenho vocês comigo e quero que todas e todos saibam que um dia espero receber todas e todos com o carinho que me foi cedido. O meu muito obrigada a todas as pessoas de Conceição das Crioulas que compartilharam um pouco de seu tempo comigo me ensinando muito sobre resistência, luta e a fortaleza imensa que são todas e todos vocês. Obrigada Adalmir, Martinho, Cícero, Antônio, Rose, Lurdinha, Márcia, Felipe e todas as outras.

Meu agradecimento para além deste trabalho, mas pela constante presença na minha vida em todos os âmbitos que não só deram possibilidade de realização deste trabalho, mas de muito da minha vida como um todo. Muito obrigada por fazerem parte de mim Julia Rabêlo, Pedro Rabelo, Celius Magalhães e Maria Bontempo. Acima de tudo isso gostaria de agradecer à minha mãe, dona Lucia – pela paciência e sua inteligência que tanto me ensinou e me ensina. Agradeço também à minha outra mãe de tantas horas, Alcinara Bontempo, por ter cuidado de mim, de Juju e de Pepê com tanto afeto.

Gostaria de agradecer pelos ouvidos abertos, livros emprestados e a generosidade da melhor pessoa que poderia pedir estar comigo nessa empreitada. Obrigada, Christine. Você fez desse projeto possível.

Agradeço também à professora Edileuza Penha de Souza por aceitar participar da banca. Obrigada pelo carinho nesse trajeto, amiga querida. Tenho por você muita admiração e espero um dia poder retribuir.

Do que se iniciou enquanto GRAVE e que me deu um início aos estudos das imagens e tanta tanta amizade para além disso. Obrigada Beibe, Farage, Luquinhas, Julinha e Tiagão. Tenho muito amor por todas e todos vocês.

Aos tantos amigos feitos ao longo do curso e de entremeios do minhocão que a seu modo todas e todos me ensinaram a ocupar o mundo de uma jeito diferente – seja me levando para dentro da biblioteca, seja desvirtuando o caminho para um café nos meios do caminho. Obrigada a todas e todos por estarem comigo nesses muitos anos de UnB. Obrigada Lucas Figueiró, Diego Simas e Diego Pontes – vocês fazem minha vida mais leve. Agradeço também Luísa Molina, Dennis, Roberto Reis, Roberto Miyamoto, Pedro Albuquerque, Bruno Rocha, Thiago de Andrade, Anderson Vieira, Jana, Mari Jaspion, Barbara Lopes, Alessandra Olinda e outros tantos amores descobertos nos corredores do minhocão.

Com o máximo de amor que tenho em mim, demonstro minha profunda gratidão aos meus queridos Luisa Chaer Rodrigues Pereira e Cristian Crevels. Não aconteceria graduação sem vocês, muito menos monografia ou qualquer coisa. Obrigada por me buscar e me levarem tantas vezes ao aeroporto. Obrigada pelo café e principalmente pelos ouvidos. Los quiero mucho.

Tiago Schwingel, obrigada pelo amor, companheirismo e por estar comigo durante tantos momentos que a desistência e falta de confiança teriam me tomado. Obrigada pela felicidade.

## **Sumário**

<b>Por ser de lá, por vir de cá.....</b>	<b>9</b>
<b>1. De que forma se pode contar a história de alguém que luta todo dia para contar a própria história?.....</b>	<b>18</b>
1.1 A memória como forma de ação em Conceição das Crioulas.....	19
1.2 Entre memórias e resistências das narrativas quilombolas.....	38
1.3 Reflexões sobre territorialidade e racialidade.....	42
<b>2. Por ser de lá .....</b>	<b>46</b>
2.1 Sobre a formação do grupo.....	48
2.2 Especificidades da produção crioulas.....	53
2.3 Sobre os encontros do Tankalé.....	61
2.4 Fazer-se imagem .....	65
<b>3. Hora de Crescer: o empoderamento da juventude quilombola de Conceição das Crioulas através do audiovisual .....</b>	<b>68</b>
3.1 “Conceição das Crioulas”: o primeiro refletir a partir da linguagem audiovisual .....	73
3.2 “Hora de Crescer”: uma discussão sobre etnicidade em Conceição das Crioulas.....	81
3.3 O Açude de Conceição: a situação da água.....	84
3.4 As narrativas (re)recriadas em vídeo .....	88
<b>4. Considerações Finais.....</b>	<b>92</b>
<b>5. Referências Bibliográficas .....</b>	<b>95</b>



## **Por ser de lá, por vir de cá**

O caminho que me levou até Conceição das Crioulas foi uma possibilidade de abertura de portas que me encaminharam gentilmente até a realização deste trabalho. Desta abertura, busquei traçar meu caminho afim de compreender a produção audiovisual feita pelos jovens da comunidade e como utilizam da linguagem audiovisual como uma ferramenta política para as comunidades quilombolas, em especial a terra deles.

O primeiro momento da ida a campo começa pelo aeroporto de Juazeiro do Norte, Ceará, vinda de uma conexão de Recife. Do aeroporto, parti diretamente para a rodoviária intermunicipal da cidade, na qual tive que esperar um par de horas pelo ônibus que me levaria à cidade de Salgueiro, Pernambuco. Cheguei ao meu destino junto com a noite e, por isso, me hospedei na Pensão Padre Cícero, a única dos arredores da rodoviária intermunicipal da cidade. Após uma noite mal dormida, tentei tomar um banho quando o dia amanheceu, mas não foi possível devido ao constante problema de falta de abastecimento de água local.

Às nove horas da manhã, me direcionei para o local de encontro dos carros que fazem diariamente o trajeto de Conceição das Crioulas para a cidade de Salgueiro. Esse ponto de encontro fica no centro da cidade, em frente à biblioteca de Salgueiro e em frente ao bar do seu João, onde permaneci durante a manhã esperando o carro que me levaria à Conceição das Crioulas. Foi meu primeiro contato com os moradores e moradoras do quilombo de Conceição das Crioulas, a exceção de Givânia Maria da Silva que havia sido minha chefe durante meu tempo de estágio na Coordenação de Quilombos no INCRA.

Foi por intermédio de Givânia, atual coordenadora dos assuntos quilombolas no INCRA e proveniente de Conceição das Crioulas, que pude ter contato com os integrantes do Crioulas Vídeo, em especial com Adalmir José da Silva com quem me correspondi durante algum tempo até realizar minha primeira imersão de campo. Givânia durante nossas conversas entre os corredores gelados do INCRA sempre me falou de Conceição das Crioulas, doravante Conceição que é como todos

chamam a Comunidade, como o ponto de início de sua militância política e o início de sua vida. Foi em Conceição que Givânia nasceu e se fez, atuando dentro do movimento quilombola e negro no Brasil. Foi também por começar a conceber minhas primeiras impressões de campo através da fala apaixonada de Giva que minha pesquisa nunca quis ser feita com um olhar muito distante da tentativa de entender a narrativa que eles tentam compor da vida em Conceição. Realizei portanto o campo com esta intenção: tentar entender como se forma a narrativa audiovisual em Conceição das Crioulas.

O primeiro abrir de portas para o conhecimento dessa produção foi feito enquanto eu estagiava no INCRA e pude ter acesso ao processo de titulação de terras quilombolas, conhecendo como o vagaroso processo de “abrir portas” para a obtenção do título dessas comunidades se dá por um longo processo de estratégias políticas e autoconhecimento trabalhado como um devir para a obtenção dos direitos previstos pela Constituição de 1988, em especial o Artigo 68, que prevê:

“Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos.”

Por mais que o reconhecimento dos direitos à terra foi dado junto à constituinte, ele apenas é resultado de anos de luta do movimento negro e quilombola pelo reconhecimento desses direitos. Almeida compreende que:

O processo social de afirmação étnica, referido aos chamados quilombolas, não se desencadeia necessariamente a partir da Constituição de 1988, uma vez que ela própria é resultante de intensas mobilizações, acirrados conflitos e lutas sociais que impuseram as denominadas terras de preto, mocambos, lugar de preto e outras designações que consolidaram de certo modo diferentes modalidades de territorialização das comunidades remanescentes de quilombos. Neste sentido a Constituição consiste mais no resultado de um processo de conquistas de direitos e é sob este prisma que se pode assegurar que a Constituição de 1988 estabelece uma clivagem na história dos movimentos sociais, sobretudo daqueles baseados em fatores étnicos (ALMEIDA, 2006: 33).

Me ateno neste momento à utilização do termo “remanescentes” referido às comunidades quilombolas pela constituinte. O termo prevê um vínculo de ancestralidade das comunidades quilombolas com a cultura africana e é uma forma de conceituar essas comunidades enquanto *passado* tendo pouco espaço nessa categoria para as novas formas de vivências desses grupos. A vagareza do Estado



em reconhecer as dificuldades de manutenção das terras por parte das comunidades quilombolas é uma das marcas deixadas por essa não-compreensão por parte do mesmo Estado que as comunidades não são resquícios arqueológicos de um passado escravocrata. Por uma reatualização das reflexões sobre as comunidades quilombolas, a ABA<sup>1</sup> a pensou da seguinte forma:

*Contemporaneamente, portanto, o termo quilombo não se refere a resíduos arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. A identidade desses grupos também não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória e continuidade enquanto grupo. Neste sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão (ABA, 1995: 1).*

A importância da reatualização do conceito de “quilombo” é uma marca da luta dessas comunidades pelo reconhecimento de anos de resistência cultural e política acerca da tradicionalidade e das formas de vivência locais e também de um passado e presente de constantes dificuldades de manutenção do território. Previsto no Estatuto de Igualdade Racial, homologado em 2010, os direitos dos povos quilombolas não se resumem à terra, que deve ser assegurada por meio de títulos, mas cabe ao poder público elaborar e implementar políticas públicas capazes de promover o acesso da população negra à terra e às atividades produtivas no campo, sendo que o poder público deverá promover ações para viabilizar e ampliar o seu acesso ao financiamento agrícola, além de assegurar à população negra rural, a simplificação do crédito agrícola e o fortalecimento da infraestrutura de logística para comercialização da produção. O Estatuto é símbolo do reconhecimento que a desigualdade racial é um fator que constituiu a desigualdade social no Brasil.

Essas políticas públicas são materializadas em meios de facilitação do acesso a direito como a água, eletricidade, educação, transporte, enfim, variáveis

---

<sup>1</sup> Fundada em 1955, a Associação Brasileira de Antropologia é a mais antiga das associações científicas existentes no país na área das ciências sociais.

básicas de qualidade de vida nas quais as comunidades quilombolas são dos grupos mais afetados pela sua falta em território nacional. O Estado reconhece portanto a necessidade de investimento em políticas que assegurem qualidade de vida básica para Comunidades Quilombola e até o faz com programas como o PBQ – Programa Brasil Quilombola, mas o que fica em suspenso é a efetividade de acesso dessas ações a todas os territórios quilombolas do Brasil. Como se faz então essa luta de dentro para fora das Comunidades para que elas tenham acesso a essas políticas de inclusão?

A incompreensão por parte dos que são contrários ao processo de reconhecimentos dos territórios quilombolas, diante dos processos históricos referidos às comunidades quilombolas é a afirmação da branquitude nos discursos legítimos do Estado. Ao se questionar a legitimidade das ações afirmativas que visam incluir a população negra em espaço quase exclusivos brancos, apenas se reforça os danos causados pelo mito da democracia racial no Brasil. Vale lembrar que os quilombos foram e continuam sendo formados não por um conjunto de negros foragidos, mas por aqueles que se uniram em busca de autonomia e que procuraram alcançar um modo de vida alheio à imposição e coerção do sistema colonial. Ou seja, o conceito de quilombo hoje considerado por historiadores, antropólogos e demais estudiosos foi ampliado de modo a buscar não perpetuar invisibilidades e considerar realidades vividas e o desencadeamento de fatos históricos que culminaram na presente situação das comunidades quilombolas.

O que devemos ressaltar na definição contemporânea do conceito é sua aproximação à definição de grupo étnico e a constituição de autonomia e resistência na consolidação de um território próprio. Nesse sentido, é válido lembrar que o que caracteriza a própria a definição do grupo étnico é sua existência como tipo organizacional e não qualquer modo de critério tipológico quanto a grupos e relações étnicas (Barth, 1997), como se faz crer ao tentar tipificar quilombo de uma maneira específica. A identificação do grupo étnico implica, portanto, em demonstrar como ele interage socialmente e se organiza para manter as fronteiras que o distingue enquanto grupo. Dentro do imaginário social, é a partir da trajetória de resistência étnica que se fixam os quilombos desde os tempos de Zumbi. Desde o mito fundador de Conceição das Crioulas, onde o território é formado pela luta constante de seis mulheres que a partir do trabalho com o algodão conseguiram comprar o

território hoje titulado de Conceição das Crioulas. Depois de adquirido o território, ocorre o momento em que as terras são perdidas por relações de poder de fazendeiros que tomam o território por cercas forjadas ou por trocas injustas.

Como qualquer fonte de produção e vivência cultural, a vida em comunidade quilombola se dá em fluxo. Ser quilombola não se basta enquanto indivíduo negro vivenciando o espaço rural. É uma *identidade política* que se firma anteriormente e obtém seu reconhecimento legítimo na ordem estatal a partir da Constituição de 1988, desta forma assume estatuto legal e se torna fonte de direitos específicos dando continuidade a uma ampla rede de ressignificação de uma identidade que se fortalece e se reinventa a partir da constituinte, tendo espaços para em um território seu por direito, construindo um local de possibilidade de fazer existirem as suas tradições e vivências.

O processo de titulação quilombola por se fazer a partir do duplo viés que incorpora a regularização fundiária necessária tanto pelo seu caráter étnico quanto por se fazer necessário enquanto política afirmativa, faz com que seja muito complexa a delimitação conceitual de como se enquadra a identidade quilombola. Se é a partir da constituição de 1988 que as Comunidades Quilombolas puderam ter assegurado o seu direito à terra, o processo de reconhecer-se enquanto quilombola de acordo com as categorias identitárias previstas pelo Estado foi um processo de reflexão sobre o que é ser quilombola para muitas comunidades.

Pensando a titulação quilombola enquanto um processo que se reflete tanto no estar e no viver em comunidade como as relações da comunidade com o externo, separei este trabalho afim de compreender o trabalho feito pelos jovens do Crioulas Vídeo como uma das maneiras de atuação política dentro da comunidade em decorrência desses processos de mudança feitos a partir do processo de reconhecimento e amadurecimento da identidade quilombola na Comunidade de Conceição das Crioulas. As divisões são feitas afim de compreender os potenciais usos do fazer audiovisual como uma forma de criar socializações e de potencial uso como ferramenta política no criar de uniões e fortalecimento da identidade local.

“Um instrumento de luta, assim se apresenta o Crioulas Vídeo. O que nos chamou atenção na primeira leitura desse meio de comunicação produzido também por jovens quilombolas foi o significado da palavra “crioulas”, a conexão existente entre o termo “crioulas” para as ações dos quilombolas. O artesanato, o jornal, o audiovisual carregam consigo a logomarca “crioulas”. Identificamos aí a construção de uma identidade muito forte com

as crioulas, como símbolo de origem da comunidade. Chamou-nos atenção também os esforços feitos pelos quilombolas, a partir de alternativas diversas, para fugir do engessamento que as políticas de comunicação têm no seu interior e como a imagem do(a) negro(a) aparece nos veículos de comunicação – além de desigual proporcionalmente –, quase que na sua totalidade, quando aparecem em posições de subalternidades.” (Silva, 2012:143)

A primeira parte, ou capítulo, deste trabalho é dedicada aos estudos e dados que coletei sobre Conceição das Crioulas e suas formas sempre tão perseverantes de criação de ferramentas que favoreçam a manutenção do território local. Foquei este primeiro capítulo também na compreensão da utilização da memória como forma de fortalecimento da identidade local, tendo sido este o foco de quase todo o texto corrido. O segundo capítulo tem como intenção pensar o grupo Crioulas Vídeo como criador de socializações e empoderamento político por parte dos jovens da comunidade. Este trabalho não tem como enfoque principal as imagens feitas por eles, mas os processos de realização dessas imagens, tendo focado menos nos potenciais usos do produto fílmico e suas análises, mas ainda assim o descrevendo no terceiro capítulo deste trabalho. O terceiro capítulo é então dedicado à descrição de três dos filmes feitos pela equipe crioula.

Essa divisão foi feita da forma em que as portas foram abertas a mim e fazendo uma alusão ao meu processo de entrada na Comunidade de Conceição das Crioulas. Durante as imersões, fui acolhida por Valdeci de Oliveira e suas filhas, Lena, Kêka e Espedita, que me deram casa, comida e muito afeto e foram minhas primeiras portas de entrada para começar a pensar a vida em Conceição das Crioulas de um olhar de dentro – sendo que Lena e Kêka são integrantes do Crioulas Vídeo e minhas principais interlocutoras durante minhas estadas em Conceição. Durante a minha primeira estadia em Conceição ficou claro que pensar em escrever sobre resistência quilombola não seria possível se o meu intuito fosse falar somente do Crioulas Vídeo e da sua produção imagética, ela não se produzia sozinha. As formas de ação política se fazem por meio de uma rede de agentes e diferentes formas e planos que se unem em prol de uma vontade comum, a de obter meios para o uso e manutenção legítima do território.

Das dificuldades vividas em Conceição consigo salientar duas principais: o transporte e o abastecimento de água. Assim que cheguei ao quilombo para a minha segunda imersão de campo, me contaram sobre a manifestação que haviam feito na

estrada que liga Conceição das Crioulas à Salgueiro. Pneus foram utilizados para fechar o trânsito e os manifestantes ocuparam a rodovia durante quase todo o dia. A estrada que liga os dois pontos de referência é sem dúvida um dos maiores problemas da Comunidade que, pela sua precariedade, dificulta, e muitas vezes impede, que os moradores de Conceição tenham acesso à cidade de Salgueiro, na qual se localizam os principais meios de acesso à saúde e educação no nível superior, além de fornecimento de alimentos e mantimentos básicos que muitas vezes não são supridos pelo pequeno comércio de Conceição, ou muitas vezes quando são, são vendidos a preços muito elevados. Mesmo com a dificuldade de trânsito para a cidade, o número de pessoas que buscam estudar em Salgueiro cresce consideravelmente a cada ano, demonstrando a importância da educação para a Comunidade. Não existe transporte público para fazer a conexão entre o quilombo e a cidade, sendo que durante o dia, carros são fretados para fazer o trajeto e um ônibus é precariedade da estrada, é comum que o ônibus quebre e que as pessoas não consigam ter a assiduidade necessária para as disciplinas feitas, ficando a cargo do professor compreender ou não a situação. A educação e o seu acesso são um dos principais focos de atuação política e reivindicação por direitos em Conceição. A dificuldade de acesso ainda é muito grande no grau do Ensino Superior, mas a construção de escolas na Comunidade ajudaram a ampliar muito o número de pessoas em Conceição que puderam chegar ao nível de cursar o ensino superior.

Lena, Kêka e Espedita são professoras das escolas da Comunidade, sendo que Lena e Espedita ensinam português e inglês, Kêka ensina história e também é encarregada da educação infantil na escola José Nêu. São três as escolas da Comunidade, suprimindo então, desde a alfabetização ao terceiro ano do ensino médio, as necessidades da comunidade no que se refere à educação, não sendo necessário portanto que os alunos tenham que ir a Salgueiro para estudar. O Crioulas Vídeo é formado quase por sua totalidade por pessoas que também ocupam as escolas de alguma forma, sendo elas a sua principal fonte de renda, visto que a produtora não é pensada para gerar renda direta para os integrantes. Adalmir, Martinho, Lena e Kêka são educadores nas escolas; Tico trabalha na escola enquanto vigilante, compondo o quadro de quase totalidade de imersão do Crioulas Vídeo no plano educacional de Conceição das Crioulas

Além das escolas, a Comunidade também conta com a estrutura do PETI, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, que funciona em contra-fluxo com o horário da escola formal, onde as crianças realizam as tarefas escolares. As escolas geram renda direta e indiretamente para a Comunidade, seja como trabalho direito para os educadores e facilitadores das escolas, como com os auxílios estatais que ajudam as famílias a manter as crianças estudando. As escolas, no entanto, sofrem com a dificuldade de manutenção e estrutura para o melhor ensino. Problemas como, por exemplo, a falta de merenda que impossibilita a continuidade das aulas em algumas das turmas. Durante o primeiro semestre desse ano, as aulas dos “pequenos” tiveram que ser suspensas por falta da merenda. Por não ser diretamente o meu foco, não pretendo me delongar muito na estrutura educacional de Conceição, apenas pontuando superficialmente o local da escola na luta por melhorias no território e a importância do local escolar para a realização do trabalho do Crioulas Vídeo. Os vídeos são pensados e feitos de uma forma muito didática exatamente para que possa ser utilizado como material didático na sala de aula, para fomentar as discussões acerca da busca pela memória e reivindicação política em Conceição das Crioulas e em Comunidades Quilombolas como um todo.

Além do trabalho no âmbito da educação, outras portas de acesso para compreender as demandas da comunidade e a sua forma de atuar em prol das suas reivindicações são necessárias para compreender o trabalho imagético realizado pela produtora, tais como as performances artísticas e a produção de artesanato. Todas essas manifestações são realizadas afim de valorizar a cultura de Conceição das Crioulas e passar para as gerações mais jovens o conhecimento tradicional que constitui o quilombo e fomenta esse cotidiano de deter dos meios de contar a própria história.

Fiquei pensando sobre essa coisa de criar uma linguagem quilombola. Vendo ontem a reunião das artesãs fiquei pensando sobre a dificuldade de se tocar qualquer projeto aqui, visto que as pessoas simplesmente não têm dinheiro. O dinheiro que é gasto para comprar uma fita, um cabo, todos esses dispêndios são muito altos para os integrantes do Crioulas Vídeo, mas mesmo assim eles continuam com o projeto por saberem que se poder fazer algo muito grande com ele. Lena me disse um dia sobre como durante as filmagens, o grupo se une e se lembra do gosto de filmar. A linguagem que eles produzem é diretamente conectada com a forma de se produzir qualquer coisa aqui em Conceição e mostra a dificuldade – como diria seu João, avô de Lena, “a peleja desse povo”. (anotação de campo– 11/08/2013)

A pergunta que me guiou durante a minha ida a campo foi buscar compreender quem pode fazer cinema – utilizando uma noção pré-concebida de que qualquer imagem registrada teria como intenção o máximo de alcance do seu trabalho e reconhecimento final por meio da linguagem audiovisual. Com o auxílio da equipe do Crioulas Vídeo, consegui abrir um pouco meu horizonte para compreender como as possibilidades do registro são muito mais que estar dentro dos caminhos hegemônicos de realização da produção audiovisual. O Crioulas Vídeo mantém dentro dos caminhos traçados pela comunidade como uma das ferramentas para buscar a autonomia do território em seu sentido amplo. Para além da busca pela conquista da ocupação física do território, essa autonomia é também uma busca pelo protagonismo e pelo uso da primeira pessoa quando se conta a história da conquista do território, dos mitos fundadores e da vida contemporânea em Conceição.

A produção feita por esses jovens extrapola qualquer classificação –que por vezes será esboçada durante este trabalho – dentro do campo do cinema. A produção feita pelo Crioulas Vídeo é uma arma de luta antes de ser cinema. A criação de redes de empoderamento político encabeçada pela comunidade traz a linguagem audiovisual dentre suas teias, como uma maneira de explorar a memória dentro da comunidade, sendo as escolas o seu grande palco, visto que os vídeos são utilizados como material didático. Todos os trabalhos que eu pude acompanhar em Conceição das Crioulas foram tecidos pela palavra “resistência” que foi-me dita centenas de vezes enquanto estive em campo. Ser de Conceição é resistir.

## **Capítulo I - De que forma se pode contar a história de alguém que luta todo dia pra contar a própria história?**

Sentada na varanda de Valdeci, durante aqueles momentos depois de almoço com gosto de café e fumando meu cigarro, seu João me contava suas histórias. Contava com um olhar longe e com um sorriso no rosto, mas nunca olhava pra mim enquanto estava contando, não era apenas pra mim que ele contava. Contava também para ele mesmo, lembrando do que tinha sido. Um dia me disse: “É preciso viver pra poder contar”. Me contava então do que tinha vivido, da vez que tinha fugido da onça e de quando tinha saído lá do pé da Serra e caminhado até Mirandiba. Caminhava muito e não queria aquela vida pros filhos dele não, não queria aquele sofrimento todo não. Me contava sobre sua meninice e sobre sua vida adulta com um pesar de não poder mais andar daquele tanto, nem fugir de onça, nem trabalhar na roça o dia todo. “O tempo é quem manda na gente, a gente só tem que aceitar.”

A história do Seu João é a história de muitos do sertão pernambucano: Um homem negro que viveu a vida inteira em um só lugar e nesse lugar criou casa, família e trabalho. Quando a seca pegou, o trabalhou diminuiu, foi buscar trabalho em outras fazendas, os filhos foram criados pelos filhos mais velhos e a vida foi tomando o rumo que podia tomar. Seu João tem o gosto daqueles que são mais velhos de contar como o tempo mandou na vida deles e como que eles tentaram mandar no tempo. E essa é a história que pode ser ouvida, que ecoa nas serras de Conceição e que pode ser ouvida por muitas vozes.

Esse conjunto de vozes se faz muito presente, as vozes que compartilham esse território, esse local de fala, esse espaço-trajetória comum. Essas trajetórias que são sabidas porque são contadas e não lidas, que são contadas por gente que nunca nem aprendeu a assinar o próprio nome ou aprendeu o nome, mas não mais que isso. Se dessas histórias se faz uma vivência, uma história e uma cultura, como faz pra contar essas histórias no papel? Na rigidez de um documento do Word com ABNT à risca? Se conta porque precisa, porque o INCRA pede e a escola também.



Afinal, hoje em dia, ai que de quem não faz escola, de quem não escreve a própria história.

### **1.1 A memória como forma de ação em Conceição das Crioulas**

Rodeada entre serras, a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas se situa no 2º Distrito do município de Salgueiro, Pernambuco, distando 560 km do Recife. É neste território localizado no semiárido sertanejo cercada por faveleiras, mandacarus e xique-xiques que se faz território, memória e pertencimento. A memória oral conta que a comunidade foi criada por seis mulheres negras livres que a partir do plantio e trato do algodão, compraram o território ainda no século XIX. O território foi garantido a partir do trabalho dessas mulheres e, gradualmente passa a ser invadido pelo fazendeiros locais que se utilizaram das suas zonas de influência políticas e relações de poder para se apossar das terras.

O nome *Conceição das Crioulas* é dado a partir da promessa de seis negras livres de que se conseguissem comprar a terra que ocupavam, ergueriam uma igreja para Nossa Senhora da Conceição em retribuição à ajuda da Santa. Essa é a igreja que se localiza no centro da Vila Centro, local onde se realizam as novenas e quase todas as celebrações que acontecem em Conceição têm a igreja ou a praça que a envolve como referência.



(Imagem 1.1: Igreja de Nossa Senhora de Conceição. Foto: Ana Rabêlo: 2013)

Da obtenção da autonomia do território, o caminho foi árduo. Vânia Souza, autora do relatório técnico de delimitação territorial de Conceição das Crioulas, separa a trajetória da posse da terra pela população quilombola em quatro momentos: 1) O mito fundador, ou seja, a compra da terra pelas seis crioulas a partir do plantio do algodão; 2) apropriação ilícita das terras pelos fazendeiros locais; 3) tentativa de regularização das apropriações feitas por esses fazendeiros através da compra e; 4) recuperação do usufruto das terras através da categoria de “terras de remanescentes de quilombos”, momento em que a terra é reconhecida e titulada pelo Estado (Souza, 2002:115-6). Essa divisão dos momentos de posse e perda do território são uma forma de compreender a instabilidade da população da região em obter autonomia econômica, visto que a terra para uma comunidade rural é a principal forma de sustento.

A Fundação Cultural Palmares elaborou o Laudo Antropológico em 1996, sendo que apenas em 1998, o processo de regularização fundiária saiu no Diário Oficial. O território foi titulado em 2000, ainda está em processo de desintrusão, não tendo sido regularizado inteiramente pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA (Calheiros, 2009). Conceição das Crioulas foi uma das primeiras comunidades a terem o seu território reconhecido pelo Estado, ainda participando do antigo processo de titulação quando ainda a Fundação Cultural Palmares era o órgão emissor dos títulos das terras quilombolas. Em Conceição das Crioulas, o reconhecimento da terra é perpassado pela maturidade política de alguns habitantes de Conceição pela luta por seus direitos. Levando em conta que o processo de espólio da Comunidade é um fator centenário, as terras foram tomadas dos membros da Comunidade por meio de jogos de influência e trapagens pelos fazendeiros brancos progressivamente até que a terra na prática não pertencesse mais a eles.

O compartilhamento da memória coletiva em Conceição das Crioulas não é feito a partir de um registro de resistência à escravidão, mas à importância do uso legítimo do território conquistado no momento do mito fundador. O se fazer existir, para longe da discussão sobre veracidade do ponto de partida da identidade coletiva no território, se faz pela luta cotidiana e conhecimento da sua história e reinvenção

da cultura (Leite, 2010). É por compartilhar essa memória e essa vivência que a existência em Conceição se faz como sinônimo de coletividade, construída diariamente pelos sujeitos que fazem desse pertencimento parte formadora das suas identidades.

Ana Lugão Rios e Hebe Mattos (Rios & Mattos, 2005) dedicam o livro “Memórias do Cativo” às histórias da escravidão a partir da memória das pessoas descendentes de escravos e ex-escravos. A partir das memórias dessas pessoas, as autoras fazem um compilado de contos e causos dessas histórias, narradas oralmente, parte devido à falta de registro histórico escrito do ponto de vista das pessoas que viveram a escravidão em primeira pessoa. Essa falta de protagonismo da escrita pela população negra criou um vazio na construção das trajetórias da população negra rural ou urbana. As autoras não pautaram sua discussão entre a oposição entre história e memória, mas em compreender os caminhos entre as duas dimensões na apropriação do passado e a forma em que o processo da memória é abordado historicamente. Para as autoras, o fazer da memória da população negra não significa fazer uma alusão ao sofrimento do cativo, mas em muitas vezes resignificar a escravidão como uma história de luta que pode ser operada individualmente de várias formas pelas pessoas detentoras dessas memórias.

“Redefinindo os significados emprestados à memória do passado escravo, eles substituem hoje a antiga invisibilidade por uma incisiva afirmação de sua identidade negra” (Rios e Mattos, 2005:300)<sup>2</sup>

Tendo a característica do tempo flutuante das narrativas orais, os caminhos da apropriação da terra não possuem data certa, ou tempo, mas caminham em uma compilação de perspectivas que compreendem esse árduo caminho de resistência para a manutenção do território, uma marca identitária e de pertencimento em Conceição das Crioulas. Segundo Vânia Souza, o ano de 1987 foi marcado por uma grande efervescência local sendo um início da movimentação política dentro de Conceição das Crioulas que iniciaria um longo processo de auto-reconhecimento e luta pela recuperação do território. Com um primeiro contato através da Igreja,

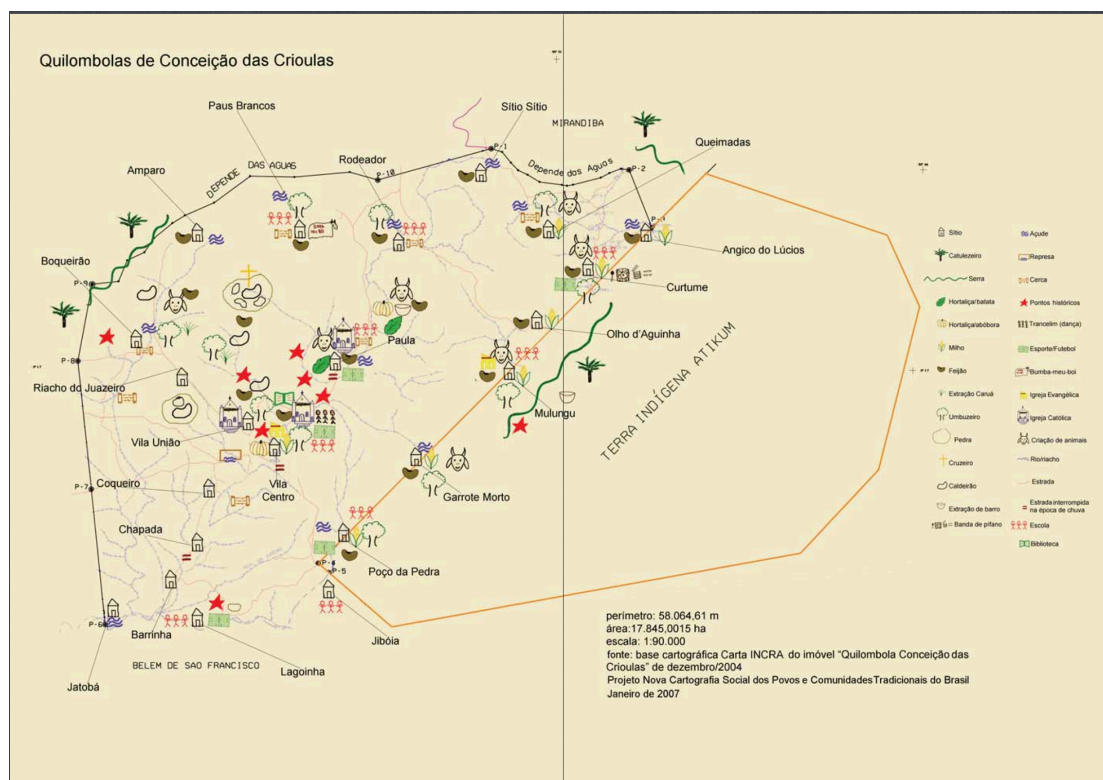
---

<sup>2</sup> Tomo emprestado esse relato feito pensando o quilombo de São José da Serra para pensar as diferentes formas de apropriação das memórias da escravidão.

algumas pessoas de Conceição das Crioulas começaram a se questionar sobre a falta de conhecimento sobre a história deles e se deu um início da busca dessa história através da memória oral principalmente.

A fonte de renda dos habitantes do quilombo depende diretamente da agricultura. No final da década de 80, a praga do “bicudo” destruiu as plantações de algodão da região, dizimando em cadeia a fonte de renda de grande parte da população de Conceição. Neste momento, o tráfico de maconha também se instala na região, que se situa no chamado *polígono da maconha*, fortalecendo a instabilidade da posse do território pela comunidade.

O mapa a seguir condiz com a terra titulada pela Fundação Cultural Palmares apesar das invasões dos fazendeiros, sendo um investida de requerimento da terra de acordo com o mito fundador da compra da terra pelas seis negras no século XIX.



(Imagem 1.2: Mapa de Conceição das Crioulas. Fonte: Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. FASCÍCULO 6. Quilombolas de Conceição das Crioulas. Salgueiro, Pernambuco. Brasília DF, abril 2007.)

Legitimado pelo mapa delimitado no Laudo Antropológico, o território de Conceição das Crioulas é dividido em 16 núcleos, ou sítios, sendo eles: Amparo, Boqueirão, Jatobá, Lagoinha, Poço da Cruz, Garrote Morto, Mulungu, Curtume,

Massapê, Queimadas, Sítio, Rodeador, Paus Brancos, Conceição das Crioulas (área rural próxima à vila), Lagoa (também conhecida como Vila União das Crioulas) e Paula, totalizando aproximadamente 750 famílias e 4000 habitantes (Moreno, 2008) ocupando o território de aproximadamente 16 mil hectares. Os sítios possuem uma ampla rede de conexão sendo centralizados na Vila Centro por sua logística que permitiu maior estrutura. É na Vila Centro que se pode encontrar as escolas, a sede da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), a Biblioteca Afro-indígena, o Centro de Produção Artesanal (CPA), o cemitério, o Açude, o Mercado (atualmente desativado), a quadra poliesportiva e campo de futebol, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), o posto de saúde e o comércio local, por mais que alguns sítios também contem com um pequeno comércio que não supre totalmente as demandas. Toda essa estrutura é fruto de anos de trabalho conjunto para que a qualidade de vida em Conceição das Crioulas fosse sempre crescente.

Ser conhecedor da própria história é reverter o jogo e tornar-se sujeito dentro da própria história, conhecedor do seu ponto de partida e sujeito capaz de reverter o ciclo de violência de cinco séculos de racismo. Essa memória que se remete ao continente africano é apenas parte do que compõe a estruturação da memória coletiva das comunidades quilombolas. Sob a intenção de não resumir a história quilombola ao seu caráter que envolve a racialidade, é muito importante ressaltar também a importância de como cada Comunidade tem suas especificidades culturais no que se remete a como o território foi adquirido e na maioria dos casos, perdido ao longo do tempo. Em Conceição das Crioulas, é mais caro para a construção da memória a luta das seis crioulas que compraram o território após muito trabalho e como foi esse trabalho árduo que possibilitou a formação do território ao invés de se pensar no vínculo com os antepassados africanos.

### **As estratégias políticas em Conceição de Crioulas**

Início esta seção com a citação que segue, parte da entrevista foi cedida por Givânia Maria da Silva no ano de 2012, atual coordenadora da Coordenação de Quilombos do INCRA. Givânia é uma das principais lideranças do movimento quilombola e nascida em Conceição das Crioulas, no sítio de Mulungu e é um dos

principais nomes para a luta pelo reconhecimento do território de Conceição das Crioulas. Como poderá ser acompanhado durante a generosa entrevista cedida, os caminhos políticos traçados pela população de Conceição surgem em rede, tendo um desencadeamento guiado por uma linha de emancipação e conquista da autoestima da população, juntamente com uma luta incansável pela manutenção da posse da terra pela população quilombola.

A: Então Giva, como surgiu esse seu movimento de militância dentro da Comunidade?

G: É... Assim, Ana, primeiro é... Ainda muito criança eu comecei a me envolver nos movimentos ligados à Igreja: a catequese, depois a pastoral da juventude... Então meu caminho inicial foi ali. Porque naquele momento ali, tô falando dos anos 90, era o que animava o povo naquela região tão abandonada e tão sofrida do Brasil. E neste processo de militância ligada à Igreja, é claro que de um segmento da Igreja que tinha uma proposta que era... Tinha toda uma concepção de libertação e de resistência. Chegou um momento em que a gente começou a se dar conta, eu e mais duas pessoas, que tinha uma coisa a mais ali que a gente não estava discutindo. Que era sermos uma comunidade rural, mas éramos uma comunidade rural sobretudo negra em que todo mundo era parente e que a gente não sabia baseada em que era, porque isso. E também não fazíamos uma leitura mais aprofundada sobre o próprio nome da Comunidade, que é Conceição das Crioulas. E ali a gente já tava fundando a associação dos moradores, mas muito desvinculado dessa temática racial. E aí no comecinho de 90, por ali, a gente começou a se relacionar com algumas pessoas do movimento negro urbano que já faziam esse debate.

A: De Salgueiro ou de Recife?

G: Recife. Salgueiro não tinha.

G: E que já faziam esse debate da questão racial e tinha um quilombo como uma referência, por mais que eles não tinham tanto acesso aos quilombos. Foi a partir dali que a gente começou a fazer uma reflexão sobre onde estávamos e quem éramos nós. E também muito iluminados por uma campanha da igreja que me parece que era “Nosso Povo tem Cultura”, “Nosso Povo tem História”... finalzinho de, acho que 89... A gente tava tentando se achar ali dentro do movimento da igreja.

(...) Tivemos essa relação inicial com o movimento negro, com o pessoal do movimento negro urbano, com uma pesquisadora e historiadora de Recife, e em 94 realizamos o primeiro encontro de negros do Sertão. Sendo que o foco não era discutir a temática de quilombo, mas era a temática racial de forma geral, teve apenas uma mesa para discutir a temática de quilombo. E foi a partir dali que percebemos que a gente já fazia uma luta, que já tínhamos, já estávamos contribuindo com o sindicato dos trabalhadores rurais da cidade, estávamos num processo de organização das associações dos núcleos, tanto do distrito de Conceição, do território, como também dos outros distritos e ate de outras regiões, ali das cidades do entorno, mas a temática racial tava fora. Foi a partir dali que ela começa a se estruturar e

a gente começa a se perceber não mais como um sujeito negro rural, mas como um sujeito negro rural quilombola. A partir de então fomos, nesse processo, ali de 94, 95, um conjunto... Com essa história de irmos atrás das pessoas mais velhas... Chegamos a entrevistar gente com 104 anos, lá em Conceição, pra remontar essa história que não estava escrita em lugar nenhum. Quando eu olho esse processo hoje, quando eu olho pra trás e penso nesse processo, o quanto ele foi rico e o quanto ele ficou só na nossa oralidade. A gente não registrou isso tão sistematicamente, que a gente podia ter hoje uma história muito mais forte já se a gente não tivesse trabalhado isso de forma muito oral. Mas ao mesmo tempo era o que a gente sabia fazer à época.

Nesse processo (...) eu começo a participar de atividades outras, eu fui ao Encontro Estadual dos Quilombos do Maranhão e aí começava a ver a discussão lá que era anterior à nossa e eu começava a ver a Comunidade de Conceição numa daquelas comunidades que falavam... Em seguida, em 95, a gente fez aqui a Marcha de Zumbi dos Palmares, a gente fez aqui o primeiro encontro das comunidades rurais negras quilombolas. Foi daí que surgiu a ideia da CONAQ<sup>3</sup>, eu fui do primeiro grupo da CONAQ, então eu sou fundadora da CONAQ. Eu fui pro encontro... Essa história é engraçada, eu fui pro encontro com outra pessoa da Comunidade, e a gente veio, mas eu não tinha articulação com ninguém e eu só consegui o dinheiro pra vir, né? Aí viemos só com o dinheiro de vinda. E ela perguntava: “Como que a gente volta?” “AH! A gente volta. Não sei como, mas a gente volta”. Voltamos de carona, pegamos carona com o pessoal da Bahia e descemos em Feira de Santana e daí pegamos carona até chegar na nossa comunidade, pra poder participar do primeiro encontro nacional das comunidades quilombolas aqui em Brasília.

Então a partir daí, nesse meio tempo, aí em 95, é fundada, é construída a primeira escola, a primeira escola não, construída a escola para a implantação de quinta à oitava, porque até então ninguém tinha acesso a isso. Eu era uma das primeiras, eu e mais outra, a primeira era eu que tinha magistério, a primeira a entrar na faculdade, então me sinto pessoa primogênita nesse sentido. (...) A gente começou, nas discussões que a gente fazia de recuperação da história, é a gente se percebia como muita coisa deixou de acontecer aqui e provavelmente seja por esse desconhecimento, porque o povo não sabe ler nem escrever, apenas pra votar então quem manda no território são os fazendeiros que haviam chegado depois da conquista das crioulas, porque as crioulas conquistam o território em 1802 e por volta, entre 1820 e 1840, eles perderam esse território, ele foi invadido e os fazendeiros passaram a dizer tudo, inclusive em quem era que era pra votar. Eu sempre registro que eu não vi, eu não me lembro de ter visto um candidato em minha casa fazendo campanha, que não precisava fazer campanha. Em quem o fazendeiro dissesse que era pra votar, era nesse que o

---

<sup>3</sup> A CONAQ é a Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas, que existe desde o ano de 1995, sendo a principal frente de união das comunidades quilombolas na atualidade.

povo votava. Bom, e essa efervescência de 94 a 95, um dos elementos era a questão da educação. E aí criou-se, construiu-se a escola e eu fui a primeira diretora da escola, a professor José Mendes e o mais engraçado disso é que toda essa discussão que a gente fazia fora da escola, a gente pode levar pra dentro da escola como currículo. Hoje que eu vejo que é currículo. É porque eu não tinha nem noção que eu estava fazendo um currículo diferente e eu já estava implementando um currículo diferenciado que hoje o povo fala de educação diferenciada, que educação diferenciada. Na época não era bem isso, era pensar uma educação...

A: Direcionada, né?

G: Direcionada para aquela Comunidade em que o foco fosse a valorização do povo. E foi muito engraçado que no final do ano, na escola, a gente fez uma gincana. Eu me lembro e a gincana, eu lembro de ver faixas dos meninos dizendo, coisa que pra nós era uma ofensa até poucos anos, dois, três anos era uma ofensa ser chamado de negro e tal, e eu via os meninos dizerem: “Sou negro com muito orgulho”, “Tenho orgulho de minha cor”, isso pra mim foi um marco muito importante na história. Então a escola terminou sendo o lócus de formação, não só de formação do ponto de vista tradicional, do conhecimento, da ampliação do conhecimento, mas desse olhar pra dentro porque a partir dali a primeira história a ser... o primeiro estudo que história que os alunos tinham que fazer ali na escola seria a história da comunidade. Qual a geografia que a gente primeiro tinha que conhecer? A própria geografia da comunidade. Que histórias... Como que a gente trabalhava língua portuguesa? Então vamos trabalhar a partir das histórias... Vamos levar os meninos a trazerem histórias da formação da comunidade e aí a gente trabalha a gramática, a ortografia etc. Então foi uma experiência muito interessante nesse processo.

Paralelo a isso, a gente tinha uma discussão de que não havia como a gente romper com tudo aquilo se a gente não estivesse organizado em algumas estruturas, né? Então o sindicato dos trabalhadores foi uma das que a gente teve... era importante a gente investir. É a outra era a questão partidária. Então foi a assembleia que decidiu que eu me filiaria a um partido, que eu me candidataria, então minha vida foi muito, sou filiada ao PT desde então. Em 96, eu fui candidata pelo PT, cheguei a ser anunciada como eleita. Ficavam duas vagas pra ser disputada por dois candidatos, um do PFL outro do PSDB, era o último voto com o papel lá na minha cidade e quando amanheceu o dia, eu que tava eleita, à noite quando terminou a votação, eu já não tava mais eleita por um voto. Fiquei suplente por um voto. A gente, o prefeito que ganhou a eleição, em 96, 97, todo mundo que não era concursado, ele exonerou e todo mundo que era concursado, como era o meu caso, ele removeu. Tirou da comunidade e destruiu a proposta que a gente tinha iniciado lá na escola. A comunidade resistiu bastante, tensionou quatro anos por dentro da escola porque ele trouxe exatamente esses fazendeiros pra dirigir a escola, os filhos dos fazendeiros pra ser professor e aí os meninos que tinham passado esses dois anos discutindo essa outra perspectiva, foi um confronto, foram pro



confronto, foram quatro anos de tensão. A comunidade tem um calendário, nos instituímos um calendário, que na época da festa, em agosto, não no recesso no meio de julho, como as demais em função da festa, que a gente entende que a festa é um espaço de educação, um espaço de encontro. (...) Eles destruíram essa proposta e foi muito interessante (...) porque os alunos nesse ano tiveram dois recessos. Tiveram o recesso formal, que a secretaria impôs e eles fizeram o recesso da festa, ninguém pisava na escola. Eu acho isso muito engraçado, é uma história muito bonita. E foi naquela primeira turma que surgiram as primeiras lideranças... As novas lideranças. Dali veio Cida Mendes, Adalmir, Martinho... Ai daí veio a turma... Hoje a gente tem, graças a Deus, um conjunto de pessoas que amam muito a comunidade.

A responsabilidade de se registrar a memória de Conceição pode ser considerado algo recente se comparada à história da comunidade desde sua fundação no século XIX. Porém, a partir desta fala concedida por Givânia, pude observar uma consolidação das ações que são chamadas por mim de **resistências**. Resistência por essas ações se tecem como um grande esforço coletivo que surgiu em toda Conceição das Crioulas afim de que o movimento de perda territorial e silenciamento político fosse findado. A quebra deste ciclo de silenciamentos surge conectada também com o reconhecimento por parte do Estado dos direitos das comunidades quilombolas no que se remete ao acesso à terra.

O amadurecimento das discussões sobre identidade quilombola, foi um guia para muitas comunidades quilombolas iniciarem um trabalho interno de auto-reconhecimento identitário que fortaleceu esses caminhos de não aceitação das assimetrias vividas por muitas das populações quilombolas. Este esforço, em Conceição das Crioulas, é concretizado a partir de uma investida muito forte das lideranças políticas, que têm sido centralizadas na AQCC, em fortalecer a identidade quilombola a partir da autoestima e do esforço coletivo de buscar melhorias na comunidade. Esse esforço coletivo é possível de ser observado na atuação das educadoras e educadores nas escolas, na força da juventude que busca também ter espaço de fala e meios de criar uma comunidade melhor para todas e todos. Essas manifestações políticas são resultado direto de gerações inteiras de mulheres e homens negros que decidiram quebrar com o ciclo de desapropriação fundiária e isolamento das políticas públicas básicas como o acesso à água, transporte e educação.

Os caminhos de conhecimento e afirmação de uma história comum, foram estratégias pensadas e trabalhadas dentro de Conceição das Crioulas por várias frentes institucionais e também por várias outras formas mais individuais de apropriação dessa história que é comum a todos. O trabalho das escolas diferenciadas caminha diretamente para que as crianças e jovens conheçam desde pequenos a história da comunidade que habitam e a partir desse conhecimento, se sintam parte integrante também da transformação desse espaço. As frentes de atuação política são muito integradas nesse espaço sendo a AQCC, Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, um espaço centralizador de convivência e debate aberto para quem queira se engajar em alguma de suas frentes.

### **A AQCC: centralizando Conceição das Crioulas**

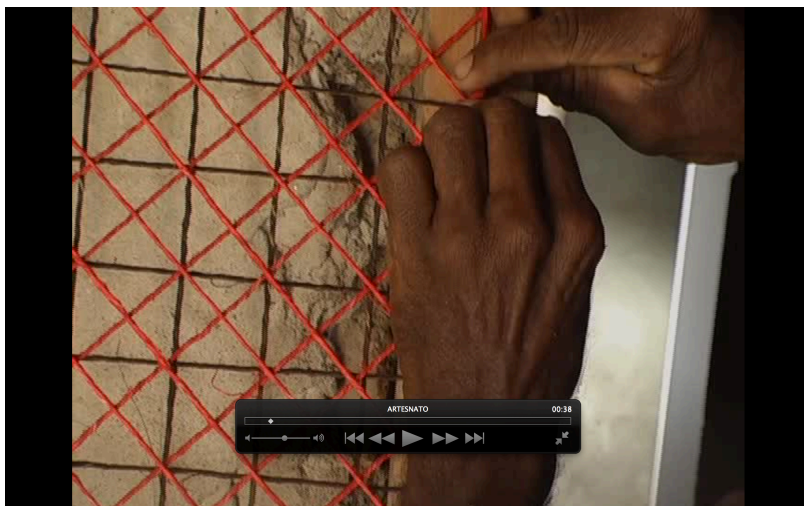
Em um contexto rural de baixo nível de escolaridade, o processo de investimento no conhecimento da própria história é uma estratégia política de compreensão do local de fala. Esta construção surge em parte por uma estruturação da organização política formada em Conceição das Crioulas, centralizada na AQCC, Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. Criada em julho de 2000, a AQCC funciona como *associação sem fins lucrativos* e é composta por 10 associações de produtores e trabalhadores rurais, situadas nos sítios do território de Conceição das Crioulas. Funciona como centralizadora, com o objetivo de agrupar todas as associações existentes no território e fortalecer as lutas comuns a todas e todos. Hoje é detentora do título de posse da área quilombola, com cerca de 16 mil hectares (Silva, 2011).

Na verdade a AQCC surge como elemento novo no sentido de agregar todas as localidades do território de Conceição das Crioulas. Nós aqui em Conceição das Crioulas fomos os primeiros a fundar uma associação de moradores no município de salgueiro, só que a gente trabalhava com a localidade de lá e a AQCC, ela surge como necessidade de juntar as associações que já estavam formadas, não pra discutir como a comunidade tal e a comunidade tal, mas pra discutir o território de Conceição das crioulas e o que de mais importante, e uma de suas bandeiras, é a luta em defesa da terra, só que hoje a AQCC tomou uma dimensão muito maior, ela não tá só preocupada se os moradores têm ou não têm terra, ela tá preocupada sim pra que... em que eles tenham terra, ela tá preocupada com a saúde no território, com a educação no território e com o modelo de educação nesse território pra que cada dia mais as pessoas possam permanecer aqui e construir raízes aqui em Conceição das Crioulas. É exatamente esse amplo trabalho que a AQCC vem fazendo. A AQCC hoje tem seis comissões que discute saúde, educação, terra, não só terra, mas patrimônio como um todo, juventude, comunicação, dá pra perceber

que na AQCC existe, tá centrado os temas, ela discute os temas mais importantes pra comunidade por isso que a AQCC tem tido essa ascensão e tem tido esse crescimento. É porque ela tá buscando, é porque ela tem uma sintonia muito forte com a problemática local. (Fala retirada de mulher não identificada nominalmente, do curta-metragem “Conceição das Crioulas”, por Crioulas Vídeo)

Além das Associações, como espaços políticos de articulação, a AQCC costuma realizar periodicamente seminários e encontros para tratar dos problemas da comunidade. Durante os encontros, as discussões, quase sempre, giraram em torno da luta pela posse da terra, da melhoria da educação no território e arredores, da importância da construção de uma identidade étnica e cultural do grupo e outras questões de ordem econômica e social. Entre as lutas da AQCC estão incluídas a regularização fundiária, a educação específica e diferenciada, o desenvolvimento sustentável, a partir das potencialidades e tradições locais, sempre na perspectiva do fortalecimento da identidade quilombola. Afim de potencializar os instrumentos para a luta, a AQCC é separada em 7 Comissões Técnicas, organizadas a partir de uma compilação das frentes de ação para suprir as demandas da comunidade,— sendo elas: Patrimônio, Educação, Cultura e Esportes, Geração de Renda, Saúde e Meio Ambiente e Comunicação e Juventude (Leite, 2010).

O artesanato é parte do *mito fundador* de Conceição das Crioulas, – sendo a forma de trabalho que garantiu com que as seis crioulas compraram o território ainda no século XIX. O trato do algodão ficou comprometido com a praga do “bicudo”, mas ainda persistem na comunidade as artesanias feitas pelo trato da fibra do Caroá e do barro, principalmente. Os produtos feitos em Conceição das Crioulas possuem um espaço de exposição na Vila de Conceição das Crioulas, no chamado CPA, Centro de Produção Artesanal, que funciona como um centralizador dos produtos tradicionais das comunidades, como as bonecas. Através de um esforço coletivo, foi criada uma linha de 10 bonecas que representam 10 mulheres da comunidade que foram importantes para a construção da história da comunidade. Essas bonecas representam também o protagonismo feminino em Conceição das Crioulas, sendo essas 10 mulheres uma alusão à história de luta das mulheres da comunidade.



(Imagem 1.3 Fonte: curta-metragem “Artesanato”, feita pelo Crioulas Vídeo representando o trato do Caroá)



(Imagem 1.4 retirada do curta-metragem “Procurando um roteiro”, feita pelo Crioulas Vídeo representando as bonecas do Caroá)

## **A Festa de Nossa Senhora da Assunção**

Este ponto específico de pensar as formas de atuação para que a memória de Conceição permaneça para as gerações mais novas pode ser explicitado de várias formas, seja pelo artesanato, seja pelas festas tradicionais. Pode acompanhar a festa de Nossa Senhora da Assunção, a festa de Agosto, em 2013 e nela pude ver a importância e dificuldade de realização da maior celebração da Comunidade. A festa dura do dia 04 ao dia 14 de Agosto, sendo que cada dia é marco de celebração de um alguém ou de algum local do território que forma o quilombo. O primeiro dia é o dia das crianças, celebrado com a novena e a apresentação da banda de pífano. O ponto diferencial dessa dia é a distribuição de pipoca para as crianças e também

por esse motivo, um dos dias em que as ruas da praça da Vila Centro estão mais cheias. O último dia é o dia de Conceição, sendo a maior festa e a mais cheia. Nesse dia bem diferenciado dos outros, é contratada uma banda de forró que em um palco grande centralizado na praça da Vila Centro, todas as pessoas de Conceição se unem para celebrar a união dos diferentes povos.

Durante a Festa de Nossa Senhora da Assunção, foi sob o pretexto da troca de cigarros que ficamos conversando na porta da Igreja, no calor da hora do almoço. Eu fiquei proseando com os tocadores da banda de pífano, Batista e os outros iam puxando um papo cheio de risadas e com o cigarro de palha de milho que lá não dava pra encontrar. O calor era tanto que a gente tinha que se proteger embaixo da árvore da praça, enquanto naquele finzinho de manhã poucas pessoas estavam ocupando a praça. Passei muito tempo da minha última estadia de campo sentada nos bancos da praça, tentando aprender qualquer coisa, desenhando e vendo o caminhar lento da Vila Centro, as crianças passando carregando outras crianças, as motos levantando poeira e espantando os animais que ali tentavam se abrigar do sol. Quando dava duas horas da tarde, os carros começaram a chegar de Salgueiro, e as pessoas desatavam pra casa pra se aliviar do peso das compras feitas na cidade e praça movimentava mais um pouco com o barulho dos carros que chegavam um a um e das sacolas pesadas embaixo do braço que segurava as compras da semana. O comércio de Conceição não dá conta de todas as necessidades diárias, sendo que a maioria dos mantimentos e produtos de limpeza tem que ser comprada em Salgueiro tanto pelo preço quanto por não ser vendido mesmo no pequeno comércio da Vila Centro. É nesse trânsito de todo dia que ia se dando o fluxo de Conceição durante as férias da escola. Em um dos dias da festa, Batista desatou então a me contar da banda de pífano. Me contou das apresentações, dos mestres que já tinham morrido e dos meninos novos que estavam aprendendo a tocar. Para ele, não tinha felicidade maior nessa vida que fazer isso: tocar o pífano, ser parte da banda e animar a novena na festa tradicional de Agosto. O pai dele tinha ensinado a ele como tocar o pífano, o avô dele tinha ensinado antes de tudo.

No meio dessas conversas na praça, eles me disseram magistralmente: “Isso que a gente faz é mais que arte, é cultura!”. É o fazer existir e dar continuidade àquilo que lhes foi ensinado por seus pais e avôs que os fazem enquanto pessoas

que ativamente fazem a festa de Agosto acontecer, na semana em que o som agudo do pífano pode ser escutado a quase todos os momentos, vindo de dentro da Igreja, esperando a novena começar. Durante esses dez dias de festança, consegui acompanhar as apresentações diárias da banda de pífano, a apresentação do Bumba-meu-boi dos Paus Brancos e o trancelim, sendo finalizada com a apresentação de grupos de fora que sempre incluem o forró que anima a praça durante a noite, depois da novena. Tanto o Bumba-meu-boi quanto o Trancelim são apresentações muito marcantes durante a festa de Conceição por serem exemplos da memória oral na Comunidade. São manifestações antigas que continuam sendo passadas de geração para geração e muito bem quistas ao ponto de que a praça fica lotada para que todos possam ver e brincar também.



(Imagem 1.5: Bumba-meu-boi de Paus Brancos. Foto: Ana Rabêlo. 2013)





(Imagem 1.6: Tocador de Pífano. Foto: Ana Rabêlo. 2013)



(Imagem 1.7: Trancilim. Foto: Ana Rabêlo. 2013)

A festa é realizada com muita dificuldade, visto que os recursos são escassos e a cada ano, fica mais difícil conseguir verba da prefeitura para a sua realização. Por nem sempre existir o apoio financeiro da prefeitura, a comunidade se articula para procurar outras formas de coleta de dinheiro, como realização de bingos e de apoio individual dos habitantes de Conceição. A festa é além de tudo, um momento de união dos povos que ocupam o território em que apesar das diferenças que existem dentro da Comunidade, o espaço seja neste momento comum a todos. Os dez dias de festa são um momento de união das diferentes partes do território, sendo essa união marcada por muitos encontros de parentes de outros sítios na praça da Igreja, rendendo uma festa muito afetiva e de muita comemoração.

## **A Educação em Conceição das Crioulas**

A educação é um dos principais locais de formação política da comunidade, sendo palco para criação de uma história tem como intenção ser contada de dentro para dentro da comunidade, criando um local de fala de empoderamento e autonomia da própria narrativa.

A formação das escolas foi um dos principais resultados da investida de amadurecimento político e tentativa de recuperação do uso legítimo do território nos pontos que ultrapassam a terra. Em sua dissertação de mestrado, Givânia nos ensina sobre a construção do plano de ensino direcionado para os povos quilombolas, criado em Conceição das Crioulas no ano de 1995.

A comunidade de Conceição das Crioulas se recompõe e se reconstrói dia a dia, tendo como uma aliada a educação como fator emancipatório e como eixo estruturador dos caminhos encontrados para fortalecer a luta. A perspectiva de educação como fator de emancipação vem se consolidando à medida que a própria comunidade assume, de maneira mais efetiva, não só o fazer prático da educação (sala de aula), mas o pensar, a gestão da educação e do território, fazendo com que as dicotomias existentes entre teoria e prática, a educação, a vida cotidiana, o individual e o coletivo, o local e o global diminuam. (Silva, 2012: 61)

Pensar a criação de um plano pedagógico diferenciado voltado para alunos quilombolas é uma forma de criar espaços de fala em que durante a história da população negra no Brasil e da história de Conceição das Crioulas em específico, foi negada por um histórico das marcas que a escravidão deixou. Um plano pedagógico que não se baseia apenas no currículo feito para atender às demandas da população, mas também no calendário que é moldado para tal fim, com as férias do meio do ano acontecendo em Agosto por causa da Festa de Nossa Senhora de Assunção permite que os educadores e alunos possam participar de um plano educacional que seja compatível com a história do seu povo e com o espaço que ocupam.

Se escolas desobedecem às ordens do sistema formal quando vão de encontro ao já estabelecido por Lei para manter uma



concepção de educação única, cuja história também é única, deixa-nos margem para pensar em educação formal e informal, trilhando por outros caminhos, seguindo rotas mais conectadas com a identidade de um povo. Não estou advogando uma educação apenas focada nas questões quilombolas, ao contrário, que ela seja ampla o suficiente a ponto de também refletir sobre as histórias, lutas e a identidade das comunidades quilombolas de forma positiva, na perspectiva de fortalecer a presença desses grupos, gerando a possibilidade de fazer uma nova leitura da história do Brasil, ou seja, uma (re)leitura. (Silva, 2012: 63)

A primeira escola, a José Mendes, fundada em 1995 e localizada na Vila Centro, atendia o ensino fundamental. Essa foi a única escola da comunidade durante algum tempo, mas agora com a recém-fundada escola Rosa Doralina, situada entre a Vila Centro e a Vila União, e com a Escola Professor José Nêu, a comunidade também dispõe da oferta de um plano de ensino desde a alfabetização à conclusão do Ensino Médio. A importância do ensino acontecer dentro da Comunidade também acontece pela dificuldade de locomoção dos estudantes a Salgueiro, visto que a distância e a péssima condição das estradas impede a assiduidade da maioria dos alunos, praticamente impossibilitando a frequência em sala de aula por boa parte dos estudantes. Várias são as dificuldades enfrentadas pelos alunos para que o acesso ao ensino seja pleno. Não apenas se faz muito dificultoso o estudo fora de Conceição quanto a qualidade do ensino nas escolas de Conceição também é prejudicada por falta de material escolas, merenda e estrutura básica para que as aulas sejam possíveis, fazendo corriqueira a suspensão das aulas de algumas turmas por falta de algum desses fatores citados acima.

Apesar das dificuldade diárias, a escola também tem a importância direta de ser uma das principais fontes de renda para muitas pessoas da Comunidade. Os educadores são contratados pela prefeitura de Salgueiro e devem ser residentes do Segundo Distrito, ou seja, para que se possa ocupar a vaga enquanto professora ou professor das escolas de Conceição a pessoa deve viver em Conceição fortalecendo os laços tanto financeiros quanto de manutenção do poder legítimo da história de Conceição, sendo uma escola formada por alunos quilombolas que aprendem com professores quilombolas.

Essa movimentação para com a educação é muito preciosa para

compreender o processo de resistência dentro da Comunidade, visto que boa parte dos jovens militantes atuam dentro das escolas de alguma forma, seja enquanto estudantes, professores ou servidores técnicos. Esse local de fala ocupado pelos professores altera diretamente a vivência dentro das escolas diferenciadas quilombolas. O tema identidade é apresentado aos jovens desde a primeira etapa da escolarização. O processo de se identificar enquanto quilombola é assunto dado nas salas de aula afim de que se amadureça a discussão entre os mais jovens e toda aquela ancestralidade de falta de estima que são marcas da população negra seja revertida dentro da escola.

### **A produção imagética em Conceição das Crioulas**

O Crioulas Vídeo, grupo de produção em audiovisual foi formado em 2005 por meio da facilitação do Grupo Identidades, de Portugal em parceria com o CCLF, Centro Cultural Luís Freire, e a AQCC. Eles eram então, jovens que integravam a escola José Mendes e que, por sua trajetória de militância e maturidade dentro da discussão política da comunidade, foram escolhidos, a partir de uma decisão de dentro do corpo de alunos da escola, para participar da semana de oficinas em audiovisual. Foi uma oficina técnica para que eles aprendessem como manusear os equipamentos fílmicos.

O Crioulas Vídeo se forma então do esforço desse grupo, e dos que vieram a partir dele, em prosseguir com o projeto de contar a própria história a partir do audiovisual. A história é semelhante a de muitos outros grupos, coletivos e afins que se unem porque acreditam em um ponto comum. No caso deles, acreditavam que era preciso deter dos meios de se fazer existir por si, de que a história que os condiz deve ser contada e valorizada. Começam então a registrar essa história que lhes é tão familiar e ao mesmo tempo tão preciosa. A cada vídeo gravado, a cada história ouvida, parte do que eles são também é modificado. É parte do processo de ouvir a história de onde você vem que ajuda a entender o que você é e como você deve ser.

Esse processo de auto-reconhecimento que surge a partir dessa investida de gravar a memória de Conceição das Crioulas é um movimento que surge conectado com a urgência trazida com a delimitação das território do quilombo. Grande parte da atuação do Crioulas Vídeo na Comunidade de Conceição das Crioulas age em

concomitância com o processo de luta da Comunidade em se apropriar do território como um todo. Existe uma divisão entre o tipo de trabalho encabeçado pela produtora sendo o trabalho feito pelos Crioulas Vídeo e os trabalhos que deram origem a rede Tankalé de produtores quilombolas em audiovisual. O primeiro momento é marcado pela atuação dos integrantes dentro da Comunidade e o segundo momento, por uma expansão dos conhecimentos políticos e técnicos e na dispersão para outras comunidades quilombolas do estado do Pernambuco.

Como não havia estrutura para que todos os jovens da Comunidade fizessem parte da primeira oficina, eles entre si deliberaram quem faria parte da oficina e na ocasião, foram escolhidos os seis jovens que tiveram aulas direcionadas para a técnica de registro em audiovisual. A escolha dos jovens ficou a cargo dos mesmos, sem que os educadores precisassem interferir no processo. Foram escolhidos os jovens que, a seus critérios, apresentassem um maior interesse e mobilidade para com a causa quilombola, se deixando claro que o conhecimento obtido poderia ser repassado aos interessados após a oficina.

Desde 2005, o processo de produção fílmica do grupo foi acontecendo de acordo com as demandas da Comunidade e da AQCC. O processo de titulação desde o seu início foi um forte impulso para que os filmes fossem gerados e o fazer fílmico foi feito a partir de um desejo de eternizar o patrimônio material e imaterial de Conceição das Crioulas registrando imagneticamente as pessoas e eventos que formam o quilombo enquanto espaço e território. Este processo se faz muito importante tanto como instrumento político quando individualmente para as pessoas que os filmaram e fizeram, como um momento de contato e aprendizado direto da formação de Conceição das Crioulas. É do aprender com o que se conta, que se faz o que é e a intenção aqui é que a partir da eternização do filmado, esse aprendizado possa ser passado para as gerações futuras mesmo que algumas das pessoas que são importantes na Comunidade já tenham partido.

Hoje, em 2013, os vídeos são feitos coletivamente entre os membros do Crioulas Vídeo, de forma a prover com que todos detenham o conhecimento do processo fílmico, por mais que por subjetividades individuais, algumas funções são diretamente atribuídas a alguns dos membros. O conteúdo dos filmes circula em dois eixos principais: O vídeo denúncia e o registro histórico. As duas formas são passíveis de síntese na ideia de que ambas são feitas afim de manter o fortalecimento da Comunidade e do movimento quilombola como um todo. O

audiovisual entra como peça fundamental quando utilizado como registro da memória oral da Comunidade, eternizando coisas, lugares e pessoas e então, construindo a partir do olhar da câmera e dos realizadores, a narrativa crioula e fechando um ciclo ancestral de silenciamento e de imposição de narrativas.

A intolerância racial não é uma relação em que um desconsidera o outro, é uma relação em que um nega direitos ao outro e dessa forma, se cria uma rede de marginalização de narrativas constitutivas da sociedade. Nesses termos, a produtora se insere como uma forma de reaver essas narrativas e quebrar com o fluxo de silenciamento forçado pelo racismo, reavendo dessa forma uma autonomia da fala e significação do uso do território e outros permeios por meio do audiovisual e de outros tantos aparatos de luta.

## **1.2 Entre memórias e resistências das narrativas quilombolas**

Fora do espectro de enrijecimento das memórias quilombolas enquanto remetentes diretamente ao passado unicamente conectado com o ideal de quilombo durante o período da escravidão, essas ressignificações ambientam um local de luta e resistências dessas comunidades que buscam angariar um espaço de seja de plenitude no usufruto do território e de criação de possibilidades de melhorias de vida para a população que não seja ligada à um passado de sofrimentos e privações, mas a um presente de negociações dessas melhorias.

Para pensar esse lugar de fala das comunidades quilombolas, ressalto a importância da memória coletiva para com o território simbólico que é construído por essas pessoas. É a partir da terra que se pode tirar o sustento e, no caso de Conceição, os primeiros vínculos da memória da população enquanto comunidade. Partindo do pressuposto que a memória é um elemento constitutivo da identidade tanto individual quanto coletiva, sendo essa memória em parte herdada e passível de sofrer flutuações referentes ao momento em que ela é contada. Pollak (Pollak, 1989) entende a memória como uma operação coletiva dos acontecimentos e interpretações do passado afim de salvaguardar, de maneira parcialmente consciente, os laços de pertença e fronteiras sociais entre diferentes formas de coletividade. A referência ao passado é uma maneira de manter a coesão dos grupos e definir o seu lugar. O passado narrado por essas comunidades quilombolas não pode ser reduzido à ancestralidade ligada ao vínculo com a escravidão ou uma

africanidade.

Candau compreende que a perda da memória é uma perda de identidade. Por mais que eu esteja pensando uma formação de memória coletiva e não individual, faço a conexão para pensar que uma comunidade que não conhece a própria história de formação e as maneiras em que essa formação possibilitou a maneira em que elas e eles se relacionam com o espaço compartilhado, veem enfraquecidas as possibilidades de lutar por esse espaço. O autor divide a memória em três campos: 1) a *protomemória*, a memória social incorporada; 2) a *memória propriamente dita*, possível de ser operada ativamente pelo indivíduo e; 3) a *metamemória*, a representação individual da memória, sendo que a “memória coletiva” é uma forma de metamemória. O autor entende a identidade cultural como uma alusão do indivíduo em operar essas *representações*, sendo que as alusões a uma identidade coletiva parte dessa imaginação individual em participar de um grupo desde a sua origem.

Em Conceição das Crioulas, a *memória* foi utilizada como forma de auto-reconhecimento por parte dos habitantes, sendo uma forma de redescobrir o espaço que ocupam e buscar novas formas de viver (n)esse espaço de forma autônoma. A história oral ainda é um meio comum, e por vezes o único, que as comunidades quilombolas possuem para que as suas histórias sejam passadas pelas gerações. A falta de documentos escritos sobre as histórias das comunidades quilombolas desde o tempo dessas histórias contadas, resulta também que a forma da construção que essas narrativas são contadas acabam sendo um dos pontos de legitimação da tradicionalidade desses povos. Essa tradicionalidade, pode ser uma forma de “arma” para comprovar o vínculo da comunidade com a terra que ocupa e – por ser uma demanda para a obtenção do título da terra – essa articulação entre memória e luta política cria dessa reconhecimento sobre a própria história uma importante ferramenta para a conquista do uso da terra.

Em Conceição, ainda nos anos 90, foi tecida uma articulação entre lideranças da comunidade afim de descobrir qual era a história da comunidade que habitavam, buscando essas histórias nas memórias das pessoas mais idosas do território, criando um compilado de informações sobre o território visto que essas narrativas não estavam escritas na literatura escolar aprendida nas escolas. Para Arruti, a conceituação sobre a identidade étnica possui entremeados de uma formação de

discursos necessários para as comunidades obterem seus direitos à terra e com ela, melhorias de vida.

Independente de “como de fato foi” no passado, os laços das comunidades atuais com grupos do passado precisam ser produzidos hoje, através da seleção e recriação de *elementos da memória*, de *traços culturais* que sirvam como os “sinais externos” reconhecidos pelos mediadores e o órgão que tem a autoridade de nomeação. As diferenças que podiam até então distingui-los da população local na forma de estigmas passam a ganhar positividade, e os próprios termos “negro” ou “preto”, muitas vezes recusados até pouco tempo antes da adoção da identidade de remanescentes, passam a ser adotados. As fronteiras entre quem é e quem não é da comunidade, quase sempre muito porosas, passam a ganhar rigidez e novos critérios de distinção, genealogias e parentescos horizontais passam a ser recuperados como formas de comprovação da inclusão ou não de indivíduos na coletividade. Ao mesmo tempo, a maior visibilidade do grupo lhe dá uma nova posição em face do jogo político municipal e, por vezes, estadual. Enfim, a adoção da identidade de remanescentes por uma determinada coletividade, ainda que possa fazer referência a uma realidade comprovável, é, com muito mais força, a produção dessa própria realidade. (Arruti, 2003:23)

Em Conceição das Crioulas, as noções de “memória permanente”<sup>4</sup> e o “mito fundador” são vinculadas diretamente com a obtenção do território, ainda no século XIX, por seis negras libertas que compraram o território a partir do plantio do algodão. Essa ligação entre a memória coletiva e a compra das terras é uma forma de legitimar os vários pontos de identidade que são necessários para a titulação das comunidades. Para além da questão da terra, esse vínculo com o passado é uma maneira de reaver as tradições e a autoestima de um povo.

Para Arruti (Arruti, 2003:8-9), existem duas grandes questões decorrentes dessa transformação das comunidades quilombolas em metáforas para que pudessem ser enquadradas dentro das categorias do artigo 68. O autor compreende a primeira grande questão sendo a *resistência cultural* tendo como tema central a produção de uma cultura negra no Brasil. Inicialmente as comunidades quilombolas eram enquadradas enquanto vestígios de uma ocupação africana em território brasileiro havendo uma mudança na compreensão acadêmica do conceito de quilombo que é então direcionada para compreensão da identidade

---

<sup>4</sup> Para (Araujo, 2008:62), memória permanente não é passado, é a continuidade da invenção humana do seu espaço, tempo e território.

cultural quilombola que busca compreender os movimentos quilombolas enquanto focos de resistência ao Estado-Nação. A segunda grande questão enquadra a *resistência política* que:

(...) busca identificar as formas pelas quais as classes populares se comportaram frente à ordem dominante. Nela, o foco está nas relações de poder que o quilombo se presta a representar. Nesse caso, podemos identificar ao menos três momentos e grupos de intérpretes que se apropriam dos quilombos como metáfora política. Neles a referência à África é substituída pela referência ao Estado ou às estruturas de dominação de classes e os quilombos e, em especial Palmares - único que despertou interesse constante - servem para pensar, em primeiro lugar, as aspirações populares. No limite, eles seriam uma forma verdadeiramente revolucionária, jacobina ou socialista dependendo do pendor do intérprete. Se a questão relativa à *resistência cultural*, ao traduzir-se em termos de fenômeno contra-aculturativo e de africanismo encontrava uma genealogia acadêmica, sendo mais tarde apropriada pelo movimento social negro, o tema dos quilombos como metáfora da *resistência política* nasce do próprio protesto político, ganhando espaço acadêmico na medida em que este também se reveste de crítica política. (Arruti. 2003:09)

As chamadas *resistências* são uma afirmação da marginalização das comunidades quilombolas que para existirem, tem que resistir. Essa resistência se concretiza na luta pela quebra do ciclo de silenciamento do protagonismo das comunidades pela luta por seus direitos e pela quebra dessa categoria de quilombo enquanto sinônimo de ancestralidade fixa em um momento anterior à 13 de Maio de 1888. Dentro do contexto de Conceição das Crioulas, resistência é uma das palavras-chave quando se pensa a história quilombola. Dentro do discurso sobre a história da comunidade de Conceição das Crioulas, é muito difícil descolar as informações, sejam orais ou escritas, do vínculo direto com a terra.

É importante ressaltar que o caminho de fortalecimento e da investida no conhecimento da história em Conceição das Crioulas foi traçado diretamente com o pleiteamento da obtenção do título do território. Manuela Carneiro da Cunha nos ajuda a refletir sobre as estratégias utilizadas pelas comunidade tradicionais no que se remete à construção de um discurso que legitime as formas de afirmação da identidade dessas comunidades. O uso do discurso sobre *cultura* é uma forma de incorporação dessas estratégias incorporadas em um discurso de legitimação e de “comprovação” de processos identitários, utilizados pelas comunidades como

estratégia de angariamento de direitos– como a terra e os conhecimentos dessas populações. Ao pensar uma separação entre cultura e o conceito de cultura apropriado pelas comunidades tradicionais como uma *cultura entre aspas*, a autora evidencia a construção de uma identidade que se faz política para que essas comunidades consigam a legitimidade de suas vivências e práticas. Sendo que: “(...) a ‘cultura’, uma vez introduzida no mundo todo, assumiu um novo papel como argumento político e serviu de ‘arma dos fracos’” (Cunha, 2009: 312).

Esse poder dado à categoria “cultura” pode também ser pensado como um momento de união das pessoas da comunidade, que juntas buscam investir na captação e valorização da identidade local. A visão de identidade forjada pelas comunidades quilombolas foi enfoque dos discursos dos que são adversos às titulações, tanto para comunidades quilombolas quanto para comunidades indígenas. O ideal de preservação da tradicionalidade também se remete à noção de cultura como resquício, em que as comunidades quilombolas para se identificarem enquanto tal teriam que estar dentro do imaginário descolado do tempo e história possuindo uma relação direta com uma africanidade da época escravocrata. O exercício de conhecer a história local também vai contra essa construção identitária pautada em estereótipos do devir identitário dessas comunidades.

### **1.3 Reflexões sobre territorialidade e racialidade**

Sentadas todas na varanda ao meio-dia, fomos surpreendidas por uma ventania daquelas generosas. O vento carregou a poeira da rua e da poeira da rua, toda aquela terra foi parar no nosso almoço. Espedita no auge da sua perspicácia, solta logo uma risada e exclama: “E esse povo fica aí brigando por causa de terra! Olha o tanto de terra aqui! Olha bem pra isso.” A conversa ficou por isso mesmo. A piada não era tão nova assim e a terra era muita mesmo. Espedita é com certeza uma das pessoas mais perspicazes que eu já conheci em vida, o que apenas demonstra a minha própria falta de sagacidade quando perguntei: “Como assim, Espé?”. Ela deu uma risada carinhosa e disse: “É uma brincadeira, Ana. O povo fica aqui brigando por causa de terra o tempo todo, mas o que a gente mais tem é terra. Olha aí pro seu feijão.”. A terra era muita porque a estrada não é pavimentada. A exceção das ruas que circulam as imediações da Igreja de Nossa Senhora da



Conceição na Vila Centro, não existe pavimentação em Conceição das Crioulas, nem nas ruas que cobrem a Vila Centro, nem na estrada que liga a Comunidade à cidade de Salgueiro. O quilombo de Conceição das Crioulas é uma das primeiras comunidades quilombolas a serem tituladas e durante toda a década passada passou por um processo de luta constante para que o uso legítimo do território fosse mantido. Os prejuízos causados pelos danos da estrada não pavimentada ultrapassam os quesitos de qualidade de vida prejudicada pela poeira da estrada.

O Brasil é um país formado por maioria negra desde os tempo em que a escravidão africana se tornou mais latente. Facilmente se pode comprovar que essa maioria racial é completamente subjugada e marginalizada pelas políticas estatais em que, qualquer tipo de política pública que se busque instalar para que haja um equilíbrio de direitos que perpassasse os critérios raciais sofrem violenta reação por parte de grupos que detém o poder. Apesar da lei 10.639/03 instituir como obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, a política de silenciamento e invisibilidade da população negra ainda é real no que se remete ao desconhecimento da população da realidade de Comunidades Quilombolas. Antes de decretado o artigo 68, o processo de resistência quilombola era marginalizado a um nível em que se torna um exemplo claro mas marcados que o racismo deixou na terra. O processo histórico de marginalização sofrido pela população negra é fator constituinte da formação dos quilombos.

O caso quilombola se torna um complexo exemplo de luta por direitos humanos por ter um duplo viés de luta por direitos étnico-raciais no que se remete à preservação de seu território étnico, mas também consiste em uma luta por igualdade de direitos de cidadania. É uma sobreposição de categorias em que hora se incorporam na categoria de tradicionalidade étnica, hora em ações afirmativas. Para Joaquim B. Barbosa Gomes (Gomes, 2005), as ações afirmativas se definem como políticas públicas (e privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física. Na sua compreensão, a igualdade deixa de ser simplesmente um princípio jurídico a ser respeitado por todos, e passa a ser um objetivo constitucional a ser alcançado pelo Estado e pela sociedade.

Construído a partir do estereotipo do bom escravo que se curvava às necessidades do senhor, o imaginário do negro ainda é construído com base no

devir da subalternidade, sendo considerado indivíduo de segunda classe com menos direitos e menos possibilidades de acesso a uma vida melhor. Dentro do imaginário brasileiro, o local de fala da pessoa negra é ocupado por uma questão de inferioridade congênita em que não cabe ao negro tentar competir espaços com o branco que detém o capital cultural e econômico que garantem seu status social. (Moura, 1972) Sendo esta afirmação de Clóvis Moura aplicada à população negra dos grandes centros urbanos principalmente, faz-se necessária aqui o rompimento de muitas comunidades quilombolas com essa imposição de subalternidade materializada na zona rural. Se a negação de espaços se dá de forma agressiva em um âmbito urbano, coube ao campesinato negro, o local comum de resquício histórico, reminiscência da escravidão que se materializou também como exemplo de resistência negra para os movimentos negros dos centros urbanos que criaram do imaginário de Zumbi dos Palmares, o herói negro.

Para Neusa dos Santos Sousa, a identidade negra não é algo dado na hora do nascimento. Ser negro é viver de acordo com o mito negro que impera sobre a condição de viver em um universo de significação branco. Para ela, ser branco é ocupar o espaço de detentor do lugar de referência, ao qual o negro será definido e se auto-definirá. O local de fala do negro opera enquanto sujeito que introjeta, assimila e reproduz como sendo seu, o discurso e os interesses do branco. (Sousa, 1983:26). A existência enquanto indivíduo que habita um corpo negro, se constrói por saber viver em um mundo que o segrega desde não apenas a sua cor de pele, mas seu local de fala sempre marginalizado e sempre *outro*. É no momento em que as Comunidades Quilombolas primeiramente se organizam em Associações e outras formas de agrupamento em que se fortalece esse movimento de contra-fluxo dessa história de silenciamentos para o início de uma história em que as histórias quilombolas serão contadas por pessoas quilombolas.

O processo de fortalecimento da autoestima da pessoa negra caminha em direção ao auto-reconhecimento enquanto mais do que não-branco. É um processo de fugir do universo de significação branco e criar um universo de significação próprio, ser sujeito do próprio corpo e história. Para além do processo individual muitas vezes dolorido de auto-reconhecimento enquanto não-branco, o processo de identidade dos quilombos também circula dentro do espectro de amadurecimento político do que é ser quilombola e fortalecimento do discurso que legitime a sua

identidade. O processo de ser reconhecer enquanto negro é direcionada para que a sua negação seja parte importante da vida da pessoa negra. Como o Estado assegura então os direitos da população negra quilombola para que se quebre esse imaginário de subalternidade que ela ocupa?

## Capítulo II – Por ser de lá

“A imagem que desejamos dar de nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-construída pelo que somos no momento da evocação.” (Candau, 2011)

Uma vez que o evento criador da memória não pode ser revisitado, cabe a nós construirmos uma narrativa da memória que a torne real. É a partir desta “narrativa de identidade” que o indivíduo se apresenta e se constrói (Candau, 2011). É no esforço de criar esta narrativa constitutiva da memória que a linguagem é o canal que nos faz expressar ao outro como nos vemos e como queremos ser vistos. Essa expressão do mundo que surge através da memória é uma forma de habitação por meios dos símbolos desse mundo. A imagem é imersa em um ambiente de significados, sendo que um dos devires da arte é a compreensão do “ser” de outros no mundo.

Para MacDougall (2009), a visão é uma conexão diretamente atada ao processo de significação do indivíduo, sendo que a partir dos nossos significados, aprendemos a ver e a habitar o mundo. “O significado guia a nossa visão” (MacDougall, 2009). Esse processo de consonância de significados do indivíduo se altera com o aprendizado de uma nova linguagem sendo que pelos caminhos da comunicação que aprendemos a ver e rever a nossa noção de mundo, segundo o autor. As simbolizações são dotadas de significado e são meios para a mobilização da força inovadora e expressivas das metáforas, tendo o efeito de “innovar sobre” as extensões de sua significações para outras áreas (Wagner, 2010). O ato do registro imagético da memória é uma forma de edificá-la sob a forma de um discurso. A imagem gravada tem aqui o poder de reviver e reassentar memórias feitas por esses jovens quilombolas sobre o seu mundo, sendo uma forma de reconstrução dos seus significados e das suas formas de atuação nesses *contextos*.

Do momento em que foi fundada a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) para as movimentações dissidentes deste processo como resultados de uma constante luta de fortalecimento da identidade quilombola e melhoria da vida no território de Conceição das Crioulas, é importante ressaltar como a recuperação das memórias que condizem com a fundação e ocupação do

território de Conceição das Crioulas foram parte fundamental para a titulação fundiária e da constante resistência étnica que acontece desde então. Das várias instâncias que se agrupam para fazer a AQCC, o comitê da juventude é importante para que surja dos jovens da Comunidade o ímpeto de buscar melhorias em Conceição das Crioulas.

O grupo de jovens da AQCC deu início no ano de 2003 já no início, porque em dezembro é... aconteceu no início de 2004. Em dezembro de 2004 aconteceu o encontro nacional das comunidades quilombolas e aí lá foram chamados alguns jovens que aí já participavam de outro grupo que chamava o Ação Jovem que tinha aqui, o nome do grupo era JBC, Jovens em Busca de Conscientização, também acho importante que os jovens precisam participar mais do que a Comunidade faz. Saber o que a Comunidade faz e participar, porque antes não tinha muitos jovens participando não, aí eram resolvidas coisas pra nós onde a gente nem sabia o que era, depois era que ficava sabendo que foi decidido lá e com a nossa participação lá era a gente que decidia o que era melhor pra gente. Ter uma outra pessoa lá dizendo o que é melhor pra gente não, nós é que dizemos. (Fala retirada de mulher não nominalmente identificada, do curta-metragem “Conceição das Crioulas”)

O Crioulas Vídeo surge desse espaço destinado ao jovens da comunidade para buscarem formas de engrandecer a luta já existente centralizada pela Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. Para pensar a produção feita por esses jovens, tive que deixar de lado as minhas reflexões sobre produção de audiovisual em grande escala, ou mesmo a categoria cinema. A forma de fazer filmes aqui não é feita com uma metodologia que busca as grandes salas de cinema, mas busca uma maneira de fortalecer a luta política da comunidade, sendo uma de tantas outras técnicas de empoderamento político. A ferramenta criada pelo Crioulas Vídeo tem como função fortalecer a memória e a luta por políticas públicas que sejam benéficas para toda a Comunidade. O caminho da reafirmação étnica das Comunidades Quilombolas não se basta apenas para auto-identificação e fortalecimento de uma identidade coletiva, é também uma forma de se requerer uma melhor qualidade de vida e quebrar com o ciclo de exclusão vivido pelas gerações anteriores. Para eles, identificar-se enquanto quilombola é assumir o ideal de liberdade e uma vida de exclusões e portas fechadas vividas por tantas comunidades negras do território brasileiro. É afirmar a existência do racismo da sociedade brasileira e se enquadrar dentro deste processo de segregação afim de

lutar contra a sua continuidade e é também assumir sua etnicidade, seus costumes, mitos fundadores e memórias coletivas que por muito tempo foram esquecidas por não se entender como a história coletiva de onde o pertencimento é formador de identidades, capaz de construir de dentro para fora uma história que seja contado a partir do ponto de vista gerado da identidade coletiva e que se construa a partir desta valorização dos quilombos, a **narrativa crioula**.

## 2.1 Sobre a formação do grupo

Por intermediação do Grupo Identidades, de Portugal, em conjunção com o Centro de Cultura Luiz Freire, CCLF<sup>5</sup>, situado em Olinda, Pernambuco, a Comunidade de Conceição das Crioulas foi escolhida a participar de uma rede de oficinas diversas que tomariam lugar na Comunidade há pouco titulada. Entre as oficinas, havia espaço para diversas performances que buscavam criar grupos que fortalecessem e dinamizassem a cultura local, tais como dança e uma oficina em audiovisual. Dessa oficina de introdução à prática fílmica se formou o Crioulas Vídeo no ano de 2005.

Esse grupo foi escolhido pelos estudantes da Escola Professor José Mendes, de forma que os alunos se juntaram e conversaram sobre quem tinha mais interesse em participar da oficina, já que não havia estrutura e equipamentos para que todos os interessados participassem da atividade que duraria uma semana apenas. Decidiram dentre todos os interessados, os seis jovens que apresentavam maior vontade de prosseguir com o projeto e maior engajamento político à época. A oficina buscou suprir os pontos básicos de uma oficina de audiovisual abarcando os conhecimentos da pré à pós-produção. Osicineiros ensinaram aos adolescentes conhecimentos básicos de roteiro, fotografia e montagem utilizando um equipamento básico que foi doado à Comunidade para que fosse possível dar continuidade ao trabalho de registro audiovisual feito por jovens quilombolas.

A equipe que formou o Crioulas Vídeo não se manteve a mesma nos já quase oito anos de existência do grupo. De início, os seis jovens eram Adalmir, Martinho, Tico, Joseane, Reginaldo e Marta. Os últimos três dos integrantes enunciados não

---

<sup>5</sup> A AQCC e o CCLF possuem uma parceria estabelecida desde o ano de 1995, em que o grupo foi fundamental para a criação de um desenvolvimento e valorização cultural na comunidade.

fazem mais parte do grupo em contraposição à Lena, Kêka e Cícero Mendes que passaram a fazer parte do grupo após a oficina. Todos possuem algum laço de parentesco, sendo que Lena e Kêka são irmãs e Tico e Cícero também são irmãos. O laço de parentesco sanguíneo fortalece o discurso de todos quando dizem que o “Crioulas” é uma família.

A criação da família que é o Crioulas Vídeo possui também sua formação explicada pelo leque de interação desses jovens com as causas locais. São pessoas que participaram ativamente do processo de titulação de terra de Conceição das Crioulas e hoje participam ativamente de outro processo: da educação. Adalmir, Kêka, Lena e Martinho são professores da escola e Tico também trabalha na escola como vigia noturno. Essa atuação dentro das escolas cria uma conexão entre o Crioulas Vídeo e a sua importância para a construção da identidade quilombola local, sendo o material criado pela equipe, utilizado como recurso pedagógico nas escolas. Esse grupo que foi formado por estudantes, hoje auxilia na educação das novas gerações, criando um laço de pertencimento das imagens coletadas e sempre uma materialização do empoderamento de fala pelos jovens que aprendem sobre seu território a partir de um olhar de dentro.

Em Conceição das Crioulas, a dificuldade de obtenção de vários recursos é uma marca que impulsionou um movimento de auto-reconhecimento e tentativas de reverter esse quadro de exclusão vivido na comunidade. A família que se cria no Crioulas Vídeo auxiliou esses, na época adolescentes, jovens quilombolas a ganhar estima e maturidade política na comunidade e pensar a criação e viabilidade de ferramentas políticas que auxiliaram na conquista e manutenção do território titulado que hoje ocupa o Segundo Distrito do município de Salgueiro. A partir da criação e permanência desse grupo, muitos se fizeram atuantes diretamente do processo de reafirmação identitária por intermédio das formas de atuação do Crioulas Vídeo. Não existe como separar o trabalho do Crioulas Vídeo em suas várias camadas de atuação dentro e fora de Conceição das Crioulas da sua atuação política. O Crioulas Vídeo se constrói a partir de um investimento da AQCC e é a partir das possibilidades de pleitear um discurso que seja benéfico para a Comunidade. O tom do discurso que se constrói a partir da **narrativa crioula** gravada em vídeo é o de obter melhorias e protagonismos para a Comunidade.

É por serem de lá, nascidos e crescidos em Conceição das Crioulas que a construção da imagem por esses jovens toma o viés de ação política e não apenas

de registro artístico do mundo em que vivem. Todos cresceram em um momento difícil para a Comunidade em que a terra por não ter sido regularizada e por haver pouco investimento por parte do governo, tanto a nível estadual quanto a nível nacional, esses jovens foram criados sabendo da importância de se inovar na luta por requerimento dos seus direitos. Foram crescendo junto com a investida dos mais velhos em fortalecer uma identidade local e requerer a regularização do território.



Imagem 2.1 – Logomarca institucional da Comunidade Quilombola de Conceição Crioulas.

O Crioulas Vídeo ocupa uma sala relativamente ampla dentro da AQCC. A sala fica trancada durante quase todo o tempo, só sendo aberta com a presença de algum dos integrantes do grupo que possuem a chave da sala. A AQCC possui um enorme fluxo de pessoas durante todo o dia que a visitam para resolver problemas que envolvem as delegações adquiridas pela Associação, mas principalmente para usar a internet, sendo o único ponto de zona *WiFi* da Vila Centro e ao que me parece, de todo o território. Esse fluxo de pessoas e seus computadores sentados nas poucas cadeiras e em sua maioria, no chão da pequena casa branca de janelas



azuis, é parte integrante do fluxo cotidiano da Vila Centro, sendo a AQCC ponto de encontro diário de pessoas acessando as redes sociais, conversando e assistindo o futebol que acontece no campo logo em frente.

A sala ocupada conta com o equipamento do Crioulas Vídeo e com o equipamento da Rede Tankalé, projeto apadrinhado pelos integrantes do grupo que explicarei mais a diante neste capítulo. O equipamento total da sala conta com dois computadores da marca *Macintosh*, alguns monitores não mais utilizados, câmeras profissionais de filmagem, equipamento este conquistado por doações das equipes que fizeram parte da construção do Crioulas Vídeo para além dos integrantes fixos do grupo. A estética do local é feita pelo excesso, ao longo de oito anos de grupo, foi-se conquistando muito material em fitas e arquivos que foram arrumando o espaço que lhes cabia dentro da sala pouco ventilada da AQCC, compondo a memória em arquivos e em pertences adquiridos ao longo do tempo investido na manutenção do Crioulas Vídeo.

Antes da ocupação desta sala, o equipamento do Crioulas era guardado na Biblioteca Afro-Indígena, situada na praça da Vila Centro, quando Adalmir ainda era o encarregado por fazer a vigilância da Biblioteca. Nessa época, Adalmir ocupou boa parte de seu tempo livre aprendendo a trabalhar com os programas de edição instalados no equipamento. A maior dificuldade em se adaptar à linguagem do programa era a língua inglesa predominante em quase todo o universo da informática. Adalmir teve então que aprender a técnica de montagem na base da tentativa e erro e assim foi se familiarizando com a linguagem. Foi também na Biblioteca que aconteceram as primeiras reuniões e que o conhecimento de todos foi crescendo coletivamente. Adalmir por ter mais tempo em contato direto com o material, foi ensinando aos outros integrantes como também operar a máquina e a partir deste movimento, todos iam coletivamente criando o grupo. Oito anos após o oficina, quase todos os integrantes que continuaram ativos no Crioulas Vídeo dominam todas as partes da produção audiovisual a que eles se propõe. Todos sabem operar a câmera e têm conhecimentos sobre montagem e edição de vídeo e áudio a medida que os interesses pessoais foram guiando para a obtenção do conhecimento específico. A citação seguinte foi concedida por Lena no momento em que conversávamos sobre as linhas de atuação do Crioulas Vídeo e como se dá o processo de filmagem.

(...) (A minha entrada) no movimento quilombola foi a partir da luta da regularização do território de Conceição das Crioulas e me engajei no Crioulas Vídeo alguns meses depois dele ter sido formado, porque o Crioulas Vídeo foi uma equipe formada a partir de uma parceria do grupo Identidades, lá do Porto, Portugal, e a AQCC. Então o pessoal de Portugal veio aqui e deu uma oficina de edição, roteiro, câmera e no momento dessas oficinas, que foi de uma semana, eu não pude estar, eu estava fazendo... (...) Fiquei empolgada mesmo pra participar, só não tinha tempo pra participar. Então eles sempre diziam: “Ó! Os meninos tão ficando aí com as máquinas, com o material, com o conhecimento e a ideia é que seja repassado...” Os meninos e as meninas, né? Então foi isso que eu fiz. Eles tiveram a oficina em maio, mais ou menos isso, e no final de 2005, eu comecei a me aproximar de Adalmir. (...) E eu fiquei perto dele pra ele ficar me ensinando as técnicas de edição. Então eu sempre dizia: “Ó, Adalmir! Deixar eu fazer isso mais tu!” Aí ele começava a me ensinar e quando ele me propôs estar participando do Crioulas Vídeo, eu topei de imediato. Desde o final de 2005 até agora, eu sou integrante do Crioulas Vídeo. No início, a gente... Eu fiquei muito mais próxima da edição mesmo, éramos os editores, Eu, Adalmir e Reginaldo, que esteve... que foi um dos primeiros, mas que teve sair por uns motivos, mas acredito que eu sei um pouquinho de cada coisa dentro do Crioulas. (Entrevista cedida por Jocilene Valdeci de Oliveira, a Lena, em Fevereiro de 2013.)

A fala de Lena transmite bem a importância do coletivo para o processo e funcionamento do grupo no que se remete ao dia-a-dia de sua manutenção. Além de criar uma linha de produção audiovisual que seja mais horizontal possível,— para que todas as pessoas do grupo e do restante da Comunidade que possam vir a se interessar a participar do projeto, se dá também a importância de se aprender todas as funções da produção caminha no sentido de rápida substituição de um dos integrantes que não possam ou queiram participar daquele projeto específico, para

que o coletivo funcione de uma forma mais orgânica sem dependência direta de algum dos membros para todas as formas de registro em audiovisual.

A ideia de coletivo também supõe trazer todas as subjetividades do grupo para a formulação desta imagem, ao invés de pensar uma única forma de olhar a câmera. Esse processo de investir no autoconhecimento do cotidiano de Conceição das Crioulas foi um dos caminhos para que esses jovens aprendessem ativamente a produzir imagens do lugar que eles ocupam, criando um espaço de ocupação simbólica dentro do espaço político da Comunidade e repensando o lugar comum que ocuparam durante suas vidas como palco passível de transformação e como uma forma de empoderamento dessa juventude. O processo de filmagem dos integrantes do Crioulas Vídeo caminha no sentido de reaprender que espaço é esse o ocupado e criar imagens-memória do território e da vida em Conceição das Crioulas.

## **2.2 Especificidades da produção crioula**

O formato do vídeo a ser realizado é importante para se entender a formação da narrativa crioula, mas o caminho a ser traçado pela produção do Crioulas Vídeo se tece ao tentar compreender o porquê dos vídeos serem realizados ao ponto de que é nesse jogo de explicações que se forma a coesão do grupo e o porquê da sua continuidade.

A partir da criação do grupo coeso sem hierarquias pré-estabelecidas criado a partir da oficina, a ideia dos jovens era que a partir do uso daquele equipamento, pudessem fazer algo em prol da Comunidade de Conceição das Crioulas. Iniciaram uma movimentação afim de pensar o audiovisual como uma linguagem de movimentação política através da imagem que fosse utilizada para auxiliar no processo de uso legítimo do território e no requerimento às demandas que ultrapassam o conflito fundiário em si, mas que são materializadas no precário abastecimento de água, acesso a saneamento básico, transporte público de qualidade. Esses eixos das demandas são denunciados pela equipe do Crioulas Vídeo principalmente dos curtas-metragens “Açude de Conceição” e “Nóis na Estrada”, nos quais a equipe busca captar imagens e falas de pessoas da Comunidade sobre o problema do abastecimento de água e das dificuldades de locomoção, respectivamente.

Pela intenção em fazer do vídeo um instrumento de ativismo político, possibilitando a criação de território simbólico de luta por seus direitos através do audiovisual, fica evidente no discurso dos integrantes do grupo como todos se sentem diretamente responsabilizados para que o projeto siga de alguma forma. Essa responsabilidade é sempre ligada ao investimento feito pela AQCC que acreditou que esse projeto seria importante para o fortalecimento político da Comunidade e uma forma de integrar os adolescentes às questões políticas do território. Em um momento em que as lideranças mais velhas da Comunidade estavam na investida de fortalecer a identidade quilombola, era de real importância que os jovens também fizessem parte dessa momento de mudança em Conceição das Crioulas.

O caminho para a manutenção dos projetos do Crioulas Vídeo são de certa maneira custosos para todas e todos. Esse esforço é materializado sob a forma de fitas que devem ser compradas para a filmadora, *HDs* externos e outros bens custosos que são necessários para as filmagens. Esse material além de possuir um alto preço monetário, também é de muito difícil acesso, sendo que por sua maioria é necessário que seja importado do Recife ou de outro local de mais difícil acesso.

O trabalho feito pelo Crioulas não gera renda direta para os integrantes, sendo que caso haja algum trabalho remunerado, o recurso é revertido para a manutenção dos equipamento ou compra de novos equipamentos, nunca sendo utilizado como pagamento direto pelo trabalho exercido. Essa é uma das maiores zonas de conflito para a manutenção dos integrantes enquanto grupo, visto que todos trabalham também fora do Crioulas Vídeo que se torna atividade paralela dentro de suas funções diárias. Quando o grupo foi criado, todos eram muito novos e ainda moravam com os pais, mas ao momento que o tempo cobra uma independência de todos nós, todos tiveram que trabalhar para pagar suas contas, detendo de um menor espaço de tempo literal e emocional para utilizar nos projetos do Crioulas Vídeo.

O Crioulas Vídeo não nasceu por acaso. Ele nasceu de um anseio da Comunidade, de uma necessidade da Comunidade, né? E pra gente formar o Crioulas ele teve muito investimento de outras pessoas e em nós que fazemos o Crioulas. E que acreditaram na gente e depositaram a confiança de que nós iríamos nos utilizar dessas ferramentas e que nós íamos poder contribuir com a luta aqui dentro da Comunidade. E isso me move, né? Por mais que eu tenha pouco tempo, de eu tirar pelo menos um dia por semana pra mim poder dar continuidade.

Com esse encontro, eu particularmente, me motivei mais para me dedicar mais. O que eu achei massa foi que não foi só eu, eu vi outras pessoas também se colocando, tipo Tico, que já tava um pouco desmotivado, mas que eu senti ele... No encontro mesmo ele já tava participando o que eu achei massa, né? Depois a gente conversando agora e ele dizendo “Olha, eu vou fazer de tudo pra gente dar continuidade. Do que depender de mim...” e eu digo: “Então nós vamos somar forças aí” (Entrevista cedida por Adalmir Silva, em fevereiro de 2013)

É a partir dessa conjuntura que conheci o projeto Crioulas Vídeo. Já passada a efervescência do primeiro momento do grupo, surge a necessidade de escolher seguir a diante no projeto ou se desligar de alguma forma. As relações afetivas que todas e todos os integrantes do **coletivo**<sup>6</sup> criaram em certa medida é o que os mantém ainda unidos, por mais que as suas conjunturas de vida não sejam favoráveis para que todas e todos possam investir nos projetos todo o tempo que possuem. É também por compartilhar a certeza de que o projeto é benéfico para a Comunidade que todas e todos se esforçam ao máximo que podem para o que o projeto caminha.

O pensar cinematográfico dos jovens em questão foi construído como ferramenta política que, casado com o discurso político comum aos processos de delimitação do território e conjuntura política à época, foram-se também construindo as formas em que a narrativa imagética poderia ser construída com e pelo Crioulas Vídeo. O processo de realização de uma gravação acontece na reconfiguração das expectativas da pessoa gravada no momento em que ela antecipa o seu desempenho diante da câmera. A palavra dita impõe uma realidade relacional, na qual se cria uma dependência com o corpo. Dentro das narrativas compostas em vídeos, o processo de filmagem é um criador de relações, em que aquele que filma tem a obrigações de acolher as subjetividades, tanto suas quanto daqueles que estão sendo filmados (Commoli, 2008:60). Para além da performance que se altera quando a câmera se posiciona na direção de um sujeito, o local que um sujeito ocupa quando se posiciona atrás da câmera também se altera. Em discordância da tentativa de se distanciar de uma possível interferência no conteúdo da imagem produzida, acredito na incorporação do local do “filmador” como agregador efetivo no

---

<sup>6</sup> Coletivo é um termo que não escutei durante minhas idas a campo, mas o utilizo da mesma forma visto que esse conceito abrange a possibilidade de pensar a realização dos integrantes do Crioulas Vídeo como um grupo orgânico de produção, sem hierarquias previamente estabelecidas.

produto imagético final. É por ser quilombola e fazer um filme para o quilombo que os registros do Crioulas Vídeo se fazem enquanto narrativa própria e não por tentar esconder uma possível objetividade ou distanciamento durante a filmagem.

Nesse caso específico de produção audiovisual, o que caracteriza a produção da narrativa é a reafirmação da etnicidade quilombola de seus realizadores. O trabalho não é feito apenas por indivíduos interessados no processo de produção na linguagem audiovisual, mas também em como a vida coletiva pode se construir a partir de uma narrativa de audiovisual crioula. O que estou chamando de narrativa crioula é a forma em que esses jovens conseguiram construir seus interesses e expectativas em uma linguagem que se faz sobre a forma do audiovisual. A ideia dos filmes sempre busca experimentar e aprender formas novas de se trabalhar a câmera, a edição e os outros processos da linguagem. Uso o termo narrativa no singular não é utilizado apenas por sua forma, mas por seu fim último de tentar com o audiovisual conseguir alguma melhoria para a Comunidade sobre várias formas.

Pensando as categorias da produção feita pelo grupo, não observo uma dissonância entre arte e política. O devir dos filmes para eles caminha diretamente com os impactos positivos que esses vídeos possam trazer para a comunidade e também como a reafirmação de um discurso feito criado no imaginário da comunidade sobre as formas de manutenção do território e memória permanente sobre a sua ancestralidade. Nas palavras de Lena<sup>7</sup>, “arte é tudo aquilo que pode transformar o mundo”. Sendo o engajamento dessa equipe nos caminhos do imagético impossíveis de serem separados enquanto arte ou política, visto que o fazer cinematográfico é parte de uma rede maior de resistência e criação de uma narrativa que faz desses jovens capazes de criar um local de fala privilegiado para a comunidade. Rancière (Rancière, 2009) entende o sensível enquanto uma manutenção da agencialidade do indivíduo nos caminhos da sua compreensão do mundo que habita. O processo de filmagem abre uma margem para a reinvenção dessas comunidades com a inversão dessa marginalização da imagem feita *dos* quilombos para o protagonismo da imagem feita *por* quilombos.

Separei os filmes produzidos em duas categorias: **vídeos-memória e vídeos-denúncia**. Essa divisão categórica se faz como um exercício de pensar diferente campos de atuação da equipe, mas não tem a intenção de enrijecer os filmes

---

<sup>7</sup> Jocilene Valdeci de Oliveira, a Lena, é integrante do grupo Crioulas Vídeo desde 2006.

produzidos enquanto um ou outro. Os filmes são pensados, cada um a sua maneira, como uma forma de união entre esses dois polos: a recuperação do poder de fala de uma história não antes contada em primeira pessoa pelas pessoas de Conceição das Crioulas e a possibilidade de obter melhorias nesse espaço ocupado em comum.

## **Os vídeos-memória**

Os vídeos-memória buscam utilizar o audiovisual para registrar Conceição das Crioulas nos âmbitos material e imaterial afim de acumular um banco de imagens que buscam eternizar pessoas e momentos importantes para as pessoas de Conceição das Crioulas. Como exemplo desses vídeos, o Crioulas Vídeo produziu o “Serra das Princesas”, “Hora de Crescer”, “Artesanato” e “Procurando Um Roteiro” que são investidas da equipe para registrar o território e a memória que lhes foi ensinada e vivenciada no território de Conceição das Crioulas. É um compilado de imagens e trajetórias de quem aprendeu junto a fortalecer os seus laços de pertencimento se utilizando do audiovisual como canal de linguagem principal.

Esses registros são feitos de momento importantes para a construção da identidade dos habitantes da Comunidade de Conceição das Crioulas, como as festas de Agosto, festas de conclusão de ano das escolas quilombolas<sup>8</sup>. É nesse momento que além de eternizar através do audiovisual os momentos importantes, se cria dentro dos integrantes da equipe um sentimento de pertença com o território transformando algo cotidiano em símbolo de identidade, masco fundador da pertença enquanto crioulo. Outra forma de registro importante é das pessoas que conhecem a história de Conceição que pela familiaridade da memória oral, passam essas memórias para os integrantes do Crioulas Vídeo as eternizarem a partir das lentes, suprimindo a carência de registro histórico das Comunidades Quilombolas que têm até hoje pouco acesso à escrita.

No projeto “Serra das Princesas”, por meio de um documentário em *voice off*, o grupo faz uma excursão em direção à Serra das Princesas para que seja mostrados

---

<sup>8</sup> Os vídeos realizados nas escolas também geram renda direta para o grupo, visto que também existe uma possibilidade de contratação de serviço pela Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. A remuneração do trabalho é revertida em investimento para a manutenção do grupo e não utilizada como pagamento pelo trabalho individual dos integrantes.

o território e para que, por meio deste, seja mostrada essa legitimidade do conhecimento do território. O vídeo é feito muito no sentido de mostrar à Comunidade o território que possuem e para que haja uma integração da população com a terra e seus significados além do território físico. Um dos pontos desse projeto é a importância que o território possui para os integrantes da produtora, em que é imprescindível que haja uma explicitação valorativa do território para que haja a legitimidade sobre o uso do território. Eles criam a partir do fazer fílmico, ferramentas para legitimar a emancipação política da comunicação e do uso do terra e consequentemente, recriam a própria história, tomando conta do local de fala e expondo a sua versão da relação para com a terra que ocupam.

## **O vídeo-denúncia**

Os vídeos-denúncia são feitos com um caráter mais imediatista que envolve registrar o momento em que algo que seja prejudicial à vida em Conceição para que se possa utilizar desse registros como prova concreta da realidade. Os registros feitos durante a ocupação da Fazenda Velha, história que inicia este capítulo, ou o vídeo Nois na Estrada, que acompanha o trajeto do ônibus que leva de Conceição a Salgueiro, os estudantes que buscam na cidade de Salgueiro uma melhoria de vida através dos estudos. Nos dois casos de captação de imagens, a ideia é que o vídeo, por ser um produto que evidencia algo que aconteceu, seria então prova concreta para se requerer melhorias a longo e curto prazo para a Comunidade e uma forma de compreender o local político e social que se ocupa por ser quilombola nascido na região pernambucana na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

Vários são os casos de atuação direta em que o Crioulas Vídeo pode intervir utilizando o audiovisual para auxiliar de alguma forma a Comunidade de Conceição das Crioulas. Uma das história contadas da interferência do grupo aconteceu na Fazenda Velha, propriedade de Chicola, ocupava grande parte do território adquirido pelas seis mulheres em 1840 e depois formalizado pela regularização fundiária legitimada pela Fundação Cultural Palmares, doravante FCP, território que hoje compõe Conceição é representado e significado pelos seus habitantes.

Essa é umas das maiores fazendas que incorporaram o processo do espólio das terras do século XIX até o momento em que Conceição é titulada, não só



ocupando um território extenso que cruzava o segundo distrito de Salgueiro, região ocupada pela Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, como também possuía cercas e gradeamentos que isolavam boa parte das reservas de água do local, dispondo de uma grande barragem para suprir as demandas apenas da fazenda.

Não possuo dados sobre exatamente como o fazendeiro tomou posse do território da fazenda, apenas da história que me contaram de como foi (re)ocupada, depois do território de Conceição ser regularizado e é dessa história a qual me referencio. Visto que a FCP havia reconhecido a Fazenda Velha enquanto reconhecido e titulado enquanto território quilombola, era necessária a desintrusão da fazenda por parte do seu “proprietário”, mas ele não o fez por livre e espontânea vontade. Os quilombolas de Conceição organizaram uma ocupação pacífica em frente à sua casa para reivindicar a terra que era deles por direito. Essa ocupação se resumia em barracas e reuniões coletivas para discutirem a importância da ocupação da fazenda e como se daria cada passo desse movimento.

Como é característica de, perdão pela generalização, qualquer questão fundiária, o território de Conceição é marcado por ser fronteira de conflito territorial não só com os fazendeiros, mas também com o território indígena ocupado pela etnia Atikum e outras tantas famílias que se ocupam do campesinato para fazer casa, comida e uso do território.

O fazendeiro se utilizou dessa pluralidade de ocupações da terra e chamou uma ocupação do Movimento Sem Terra (MST), que se apossava de uma terra próxima ao território da fazenda para que ela viesse ocupar, prometendo terras. Segundo Martinho que foi quem me contou esta história, essa estratégia do fazendeiro foi planejada para que o conflito fosse diretamente entre quilombolas e “sem-terra”, se retirando do primeiro plano do conflito. Aparentemente, a ocupação do MST assim que chegou compreendeu a natureza do conflito e se retirou do território sem maiores danos. O fazendeiro então alegou à polícia que os manifestantes haviam depredado seu patrimônio e causados outros danos. Ao ponto que a polícia chegou em Conceição das Crioulas, a ocupação já tinha acabado por deliberação comum.

Os policiais iniciaram o contato na Vila Centro acusando os manifestantes de depredação de propriedade privada. Dentre os manifestantes, estavam os integrantes do Crioulas Vídeo que registraram toda a ocupação. Essa ocupação

aconteceu em 2005, quando a sede do Crioulas Vídeo ainda se situava na Biblioteca Afro-Indígena, gerenciada por Adalmir e localizada na Vila Centro. Adalmir e Martinho mostraram os vídeos gravados para os policiais que puderam ver o caráter pacífico da ocupação. Visitaram também a fazenda e viram que as acusações feitas por Chicola não procediam. Saíram do território sem que nenhum quilombola ou fazendeiro fossem punidos ou incriminados de coisa alguma.

Essa história quem me contou foi Martinho durante a reunião dos produtores quilombolas de audiovisual da rede Tankalé que aconteceu em Conceição das Crioulas em fevereiro de 2013. A primeira pergunta que fiz a Martinho depois que o caso foi contado foi o que havia acontecido com o fazendeiro pelas acusações falsas, ele me respondeu com uma jocosidade muito própria: “Claro que nada, mas também não aconteceu nada com a gente”. E nada havia acontecido com eles porque já dispunham do equipamento de filmagem necessário para poder registrar a ocupação da fazenda e provar à polícia que as acusações não procediam.

Quando se discute “intenção” dos filmes feitos pela equipe crioulas grande parte do conjunto de respostas que ouvi circulavam a afirmativa de que eram feitos para a comunidade de Conceição das Crioulas e para o movimento quilombola. Antes de se propor fazer “cinema”, os filmes têm o fim prático de auxiliar a comunidade no seu dia-a-dia seja no resgate da memória e reaver de histórias e causos, seja no embate direto em que a câmera funcionaria como um braço direito para mostrar a realidade de Conceição das Crioulas.

Os filmes depois de realizados, possuem uma grande dificuldade de serem distribuídos para outros locais, devido a uma série de fatores que envolve principalmente a falta de recursos do grupo para criar uma rede de distribuição eficaz para a comercialização e reverberação dos registros. A divulgação virtual também apresenta dificuldade de dispersão devido à constante necessidade de alimentação dos sítios utilizados e à dificuldade de acesso à internet na Comunidade de Conceição das Crioulas.

Adalmir: Então, logo assim que nós começamos com o Crioulas Vídeo, a ideia era que o material que fosse produzido pelo Crioulas Vídeo, ele pudesse também ser utilizado como material pedagógico dentro da Escola e com o passar do tempo, nós além de levar o material para a escola, nós também terminamos se inserindo dentro da escola sendo educadores e educadoras dentro das escolas aqui da comunidade e é bom porque esse

trabalho, ele tem favorecido essa questão de contar a história da própria comunidade dentro da escola sem necessariamente ter uma liderança lá dentro da escola ou às vezes o professor utiliza desses vídeos pra poder planejar melhor as suas aulas quando se trata da questões aqui no território também. E pra gente é importante, né? Quer dizer que um dos nossos objetivos, ele tá sendo alcançado. (Entrevista cedida por Adalmir Silva, em fevereiro de 2013.)

Os vídeos são utilizados nas escolas como material didático informativo sobre a vida em Conceição das Crioulas, visto que existe pouco material escrito sobre a história da Comunidade. É uma maneira de coligar as vertentes de ação política de fortalecimento da Comunidade e de congregar as potencialidades dos integrantes do Crioulas Vídeo, visto que em sua maioria, quase todos são professores ou funcionários das escolas da Comunidade, ligados à prefeitura da cidade de Salgueiro.

## 2.3 Sobre os encontros do Tankalé

Tankalé, na língua ioruba-nagô, significa “Contar para o mundo”. Contar para o mundo o que é a vivência quilombola no movimento de auto-reconhecimento identitário em que quilombolas que detém o conhecimento na linguagem em audiovisual ensinam a outras pessoas quilombolas como se expressar através da imagem. É feito principalmente por um fluxo constante de trocas de conhecimentos e afetividades que buscam fortalecer os laços



2.2 Logomarca do projeto.

Foi por meio da facilitação de Felipe Peres Calheiros, cineasta nascido na cidade do Recife e de George Bessone, antropólogo também erradicado na capital pernambucana, foram dados os primeiros passos dessa criação coletiva da memória quilombola registrada em uma rede de produtores de audiovisual pernambucana. O projeto foi montado a partir das demandas políticas das Comunidades Quilombolas afim de que essa rede de produtores criada pudesse ser uma nova ferramenta de luta política das pautas do movimento quilombola. Os recursos para suprir as demandas das oficinas vieram de um financiamento do Banco do Nordeste e da FUNDARPE, que auxiliaram os custos básicos da oficina como o deslocamento, mas osicineiros não cobram um pagamento relativo ao trabalho exercido e são abrigados nas casas da Comunidades que recebem o projeto Tankalé. A rede que se cria se fortalece pelo auxílio mútuo, ultrapassando as dificuldades causadas pela distância e por quesitos econômicos, criando uma rede política e de afetividade que busca fortalecer as questões identitárias e também questões de emancipação no processo de se construir uma linha narrativa que busque autonomia e fortalecimento quilombola.

Durante o Festival de Garanhuns de 2008, Adalmir José tomou o lugar de primeiroicineiro quilombola a ensinar seus conhecimentos em audiovisual para outras pessoas. Foi a partir dessa oficina que foi-se estruturando esse projeto que hoje conta com a realização efetiva de quatro oficinas ministradas em diferentes Comunidades Quilombolas da região do Pernambuco e outras oficinas ministradas em eventos específicos dentro e fora da Comunidade de Conceição das Crioulas.

As primeiras comunidades participantes do projeto foram as Comunidades de Águas Claras e Livramento, situadas no município de Triunfo. Dessa oficina foi formada a equipe Mãe Preta Vídeo. Em seguida, foram ministradas oficinas nas Comunidades Quilombolas de Santana, Contendas e Timbal, situadas no município de Salgueiro e no Território Quilombola Águas do Velho Chico, no município de Orocó.

Cada oficina tem sua especificidade, sendo cada um aumento potencial de melhoria para os próximos encontros do Tankalé. Como estrutura básica, as oficinas do Tankalé foram separadas em uma oficina política e uma oficina em audiovisual. A oficina política é aberta para toda a comunidade que sedia o projeto e a oficina de audiovisual é restrita para apenas um determinado número de pessoas, devido ao

limite do equipamento disponível. A duração dessas oficinas se alterou em todas as oficinas dadas, tendo sido ministrada de forma continua nas primeiras comunidades e sendo diluída ao longo de um mês durante a ultima oficina no Território Aguas do Velho Chico por conta da distância de mais de cem quilômetros da Comunidade de Conceição das Crioulas.

A oficina política conta com um guia de discussões acerca da identidade e territorialidade quilombola e uma explanação acerca do processo de titulação quilombola promovido pelo INCRA. Essa oficina busca um dialogo entre pessoas quilombolas e para pessoas quilombolas afim de se alinhar um discurso que parta de dentro para fora das Comunidades Quilombolas, para que se possa fortalecer tanto o discurso quanto o vinculo entre comunidades. A ideia do projeto é buscar criar este movimento que parte de dentro para fora das comunidades quilombolas para que possam eleger as formas que as suas histórias serão contadas, ao invés de dar continuidade ao ciclo de silenciamento das histórias da populações negras rurais ou urbanas.

A ideia é que a partir desse primeiro impulso promovido pela equipe do Crioulas Vídeo e parceiros, se crie em outras Comunidades, polos de produção audiovisual que possam registrar as especificidades locais da vida quilombola. O registro em vídeo vem sido empregado em proveito da auto-visualização e da visibilidade das Comunidades, permitindo o acesso à posição de produtor e não apenas de espectador das mensagens audiovisuais (Calheiros, 2009).

A cada fim de oficina, é gerado um vídeo curta-metragem montado de forma coletiva desde a escolha do roteiro ao processo de edição. A ideia é que a partir deste produto final, a Comunidade que participou da oficina consiga com o máximo de autonomia possível, gerar outros vídeos que venham a dialogar a finalidade política do projeto. Foram gerados até o dia de hoje quatro vídeos resultantes das oficinas: “Quilombo do Livramento, realizado pelo Mãe Preta Vídeo, “O Outro Lado da Transposição” realizado pela equipe do Santana Vídeo, “Nossa História, Nossa Gente”, realizado pelo Contendas Vídeo e o “Unidos Pela Mesma História”, realizado pela equipe do Ribeirinhos Vídeo.

Os vídeos são realizados sobre o formato de documentário expositivo assim como os vídeos feitos no Crioulas Vídeo, se destacando pelo empenho em buscar retratar a tradicionalidade e como as Comunidades Quilombolas em questão estão sofrendo alguma forma de negligência por parte do Estado, sendo que é possível

abarcam os dois pontos em um mesmo documentário. Os vídeos gerados pelas equipes do Ribeirinhos Vídeo e Santana Vídeo destacam o impacto das construções de barragens e transposição do Rio São Francisco na visão de dentro dos territórios ainda não titulados, além de contar a história do território e vivência nas Comunidades.

Em fevereiro de 2013, ocorreu o primeiro encontro dos grupos que fizeram parte do Tankalé contando com a participação dos grupos Ribeirinhos Vídeo, vindos de Orocó e do Santana Vídeo, vindos da Comunidade Quilombola de Santana, situada no município de Salgueiro. Fizeram parte da oficina os dois grupos e também estudantes da Escola Municipal José Mendes da Silva, situada na Comunidade de Conceição das Crioulas que participaram de uma oficina de audiovisual dada aos alunos da Comunidade. *As outras Comunidades que ajudaram a construir a rede Tankalé não puderam participar por motivos diversos, que em boa parte desconheço.*

O encontro durou três dias contando com reuniões durante o dia e exibições de filmes projetados na parede da Igreja da Vila Centro durante a noite. As reuniões do dia contaram com a presença de Felipe Peres. As conversas que guiaram o encontro foram separadas em eixos para que se pudesse elaborar um diagnóstico da produtividade dos grupos formados depois da oficina para que eles pudessem então seguir em frente.

Alguns problemas foram detectados em todos os grupos, como dificuldade de gerência do equipamento que é sediado no Crioulas Vídeo e emprestado aos outros grupos quando requerido gerando grande dificuldade de acesso ao equipamento e rapidez nas produções e gerando enfim um grande desestímulo para novas produções. Outro problema marcante era a dificuldade de gerenciamento de pessoas sendo que nem todos os integrantes dos grupos detêm conhecimento de todos os processos da elaboração fílmica. Todas as dificuldades são orbitadas pelo problema central que envolve a dificuldade de angariamento de fundos para a manutenção e obtenção de equipamentos novos para seguir com as novas produções dos grupos.

Para que pudessem ser explicitados todos os problemas, a equipe do Crioulas Vídeo organizou uma dinâmica com os grupos afim de que se colocasse em um grande papel as dificuldades da manutenção dos projetos e tentativas de respostas a essas dificuldades. As equipes vieram com uma série de tentativas de

resolução como aluguel de equipamentos e tentativa de aplicação a editais de fomento à cultura.

As dificuldades eram comuns a todos os grupos, mas é importante destacar a relevância dos projetos para o fortalecimento político das Comunidades. Cada uma a sua maneira, a situação das Comunidades Quilombolas que fizeram parte das oficinas é de instabilidade política e da manutenção do seu território, demonstrando a importância de se buscar novas ferramentas que fortaleçam essa luta.

Enquanto o problema que mais afeta as Comunidades de Conceição das Crioulas, Santana e Contendas é o abastecimento de água precário pela falta de chuvas, o problema que mais afeta o Território Aguas do Velho Chico são os impactos da construção da Barragem Pedra Branca que inundará parte do território ocupado pelas cinco comunidades quilombolas e desabrigará as comunidades ribeirinhas da região, sendo que quase todos os integrantes do Ribeirinhos Vídeo fazem parte do MAB, Movimento dos Atingidos por Barragens lutando pelo direito de permanecer no território que ocupam.

Por mais que as pautas políticas destoe de Comunidade para Comunidade, é muito importante evidenciar a relação próxima que os integrantes dos grupos criaram ao compartilhar esse momento das oficinas. Adalmir me contou sobre a importância de ser um oficinairo quilombola ensinando a outros quilombolas, evidenciando como as relações são diferentes para com oficinairos não-quilombolas. Me contou sobre como para eles é fácil chegar a um nível de diálogo mais próximo pela história que é compartilhada, sempre me dizendo que para mim não é assim. Contou também sobre a dificuldade de Felipe, que ao notar essa facilidade da Equipe do Crioulas Vídeo, passou a cuidar apenas das funções de produção dos projetos do Tankalé ao invés de participar nas relações diretas durante as oficinas para que os diálogos fossem criados dentro do contexto quilombola. É esse laço de pertença que faz o diferencial do projeto Tankalé em que o conhecimento em audiovisual é um possibilitador de alinhamento de discursos e afetividades entre Comunidades que partilham uma história comum de marginalização dos meios de se contar a própria história.

## **2.4 Fazer-se imagem**

No dia 20 novembro de 2012, dia da Consciência Negra, o Ministério da Cultura, liderado pela ministra Martha Suplicy, lança um edital de apoio a cultura dos

artistas e produtores negros. Os editais são de responsabilidade da Secretaria do Audiovisual (SAv) e de duas instituições vinculadas ao MinC: Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e Fundação Nacional de Artes (Funarte), em parceria com a Fundação Cultural Palmares (FCP) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), da Presidência da República. O objetivo dos processos seletivos é proporcionar aos produtores e artistas negros oportunidade de acesso a condições e meios de produção artística, conforme estabelecido pelo Plano Nacional de Cultura (Lei 12.343/2010) e pelo Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010).

Em maio do ano de 2012, sob a decisão do juiz José Carlos do Vale Madeira, 5a Vara da Seção Judiciária do Maranhão, os cinco editais de produtores e criadores negros foram suspensos. A linha de argumentação seguida pelo juiz era a exclusão causada pelo favorecimento da população negra nos editais referidos. O lançamento dos editais foi feito em resposta à quase exclusividade da população branca no que se remete ao benefício dos recursos estatais de foment de arte e cultura. A inclusão da população negra dentro da produção de arte e cultura surge a partir da necessidade de incluir essa parcela majoritária da população brasileira na captação de recursos públicos para a produção cultural.

A eficácia das políticas públicas de apoio à indústria cinematográfica depende da observância e compreensão da evolução da lógica estrutural de sua cadeia produtiva.

(...) Políticas públicas de apoio à indústria cinematográfica, para serem eficazes, precisam ter como premissa que essa cadeia produtiva está imersa numa lógica mais ampla, compondo a complexa dinâmica rede de relações econômicas que perfazem a indústria audiovisual. A indústria de produtos e serviços audiovisuais organiza-se em cadeias independentes e inter-relacionadas que abarcam três etapas (produção, distribuição e exibição) e envolvem grandes conglomerados econômicos (majors), organizações de porte intermediário e, também, inúmeras pequenas firmas e profissionais especializados em diversos ramos produtivos. (Matta, 2010:37)

Esta especialização produtiva da cadeia de produção cinematográfica demarca de forma evidente quais são as possibilidades de um ou outro participarem ativamente dessa trama. O que se delimita nessa distinção entre o eu e o outro é a possibilidade de acesso ao campo cinematográfico na produção e financiamento



necessário para a realização de qualquer produto imagético. Voltando para o contexto pernambucano ao qual se insere Conceição das Crioulas e as outras Comunidades Quilombolas participantes da rede Tankalé, existem diversos editais estatais de fomento a cultura propostos pelo FunCultura ou pela FUNDARPE, por exemplo, que incluem categorias de acesso a iniciantes das mais diversas categorias que poderiam ser incorporadas as mais diversas áreas de atuação cultural dessa comunidades quilombolas para além do audiovisual. A razão para a não-participação não é dada a partir de uma resposta linear, mas por uma rede de exclusão que distancia essas pessoas da obtenção dos recursos destes editais.

A continuidade dos grupos formados pela rede Tankalé não depende unicamente do interesse pessoal ou comprometimento político dos integrantes dos grupos, mas de uma rede de possibilidade econômica que possibilite a realização dos produtos imagéticos. Para além das possibilidades de dispêndio direto de recursos financeiros que viabilizem a manutenção constante dos projetos, existe uma rede de investimentos a longo prazo que culminariam na possibilidade de cumprir as três etapas da produção cinematográfica, sendo finalizada com a distribuição. De pouco consiste o esforço de buscar meios de contar a própria história, é necessário estar a par do mercado que possibilita a distribuição dos filmes nos grandes circuitos ou pensar o fazer cinematográfico enquanto compositor de uma outra categoria que não seja o cinema de grande distribuição, em um plano menor de produção fílmica de alcance local, distribuído pelos canais gratuitos, principalmente, a internet.

Os vídeos produzidos pelo grupo Crioulas Vídeo em sua maioria, são utilizados como recurso pedagógico nas escolas da Comunidade de Conceição das Crioulas e/ou lançados no canal do portal *YouTube* disponibilizado na rede para quem procurar os vídeos, mas sem divulgação direta dos vídeos por outros meios digitais. Outra forma de disponibilização dos vídeos é o portal do Crioulas Vídeo vinculado ao sítio da AQCC, que atualmente está desativado por falta de manutenção. No início das suas produções, houve uma movimentação para que os vídeos fossem enviados para a seleção de mostras competitivas, como foi o caso do vídeo *Açude de Conceição*, selecionado para a Mostra *Visões Periféricas* em 2007. Desde então o grupo focou seus esforços para a manutenção do projeto Tankalé, não investindo na produção e distribuição de filmes feitos apenas pelo

Crioulas Vídeo. O problema se situa na dificuldade de continuidade dessas produções que demandam um esforço contínuo de obtenção de recursos financeiros para que os filmes sejam pensados, realizados e distribuídos. Essa implicação se desenrola no planejamento da obtenção dos recursos e capital financeiro e cultural para o conhecimento técnico, um verdadeiro saber-fazer, da maneira de aplicação aos editais de fomento a cultura que as Comunidades Quilombolas podem vir a concorrer.

Pensar as formas de produção audiovisual possíveis de serem feitas em Conceição das Crioulas é um caminho em que não se pode separar da ideia de coletividade e ação política proposta não apenas pelo Crioulas Vídeo, mas pela estrutura política na qual toda a Comunidade se articulou desde o momento em que se iniciaram as primeiras movimentações para a regularização fundiária do território. A falta de recursos existentes na área rural direcionou as pessoas da Comunidade a formarem uma coletividade de ações para que suas demandas fossem ouvidas. O fazer fílmico pensado desde o princípio do Crioulas Vídeo sempre foi a união desses jovens com o propósito de fazer algo em prol da Comunidade a qual elas e eles nasceram e foram criados individualmente e como atores políticos importantes para a manutenção da vida em Conceição das Crioulas.

### **Capítulo III - Hora de Crescer: o empoderamento da juventude quilombola de Conceição das Crioulas através do audiovisual**

O momento construído a partir da câmera é uma forma de realidade condicional a ser construída por uma série de agentes que compartilham deste momento/vivência em seus vários níveis. Para conceituar “agente”, Schutz o reconhece como detentor de um papel central na determinação da situação. Sua atenção é focada na definição do mundo e dele próprio, criando um fluxo constante de (re)interpretações do mundo e de seus significados (Schutz, 1979). O autor atribui aos significados que os indivíduos a referência direta à sua situação biográfica, ao seu estoque de conhecimento e à situação imediata. Nesse processo de significação da realidade mundana proposta por Alfred Schutz, o caminho e momento que procuro aqui escrever são tecidos sob a forma da produção

audiovisual de autoria na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas como um exercício de tornar o indivíduo *agente* a partir de uma linguagem, partindo de uma análise do campo de situações que tornam o fazer documentário um campo criador de significados.

A compilação das imagens de um filma em uma forma única é uma maneira de entrelaçar um universo de possibilidades que vem do momento da filmagem à formação de uma linha narrativa a ser escolhida durante os processos de pós-produção. Essas “escolhas” que constroem a linha narrativa são um processo de conjunção de várias outras questões a serem escolhidas pelo coletivo formador dessa equipe cinematográfica. Não se pode distanciar a situação das escolhas que formam um produto audiovisual dos agentes participantes da realização desse produto em seus mais diversos níveis. Seja no momento da produção, montagem ou exibição das imagens, o filme é sempre uma constante de transformações e produções de significados (Piault, 2001)

A equipe Crioulas Vídeo se uniu enquanto grupo no ano de 2005 e se transformou ao longo dos anos de acordo com o conhecimento adquirido durante os processos de filmagem e edição dos curta-metragem. O tempo que passou transformou adolescentes em jovens adultos, presentes dentro dos processos políticos da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, sertão central do Pernambuco. O Crioulas Vídeo se fez enquanto importante parte do processo de angariamento de novas ferramentas e pessoas para a causa quilombola na Comunidade, sendo uma porta de entrada para que os jovens quilombolas pudessem exercer suas formas de manifestação política para Conceição das Crioulas.

Dentro da construção da narrativa quilombola amadurecida durante o processo de delimitação do território quilombola, existem várias vertentes dos campos de ação incorporados pela Comunidade e principalmente pela AQCC, Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. O Crioulas Vídeo foi criado por jovens que ainda estudavam e trouxeram o seu ponto de vista sobre como é ser/viver Conceição das Crioulas. Os vídeos realizados pela equipe do Crioulas Vídeo retratam a amplitude da vida em Conceição das Crioulas e de suas demandas políticas. Os vídeos são resultados de um esforço coletivo desses jovens em participar ativamente das discussões assumidas na AQCC, sendo o papel dessa

equipe de audiovisual uma forma de incorporação à luta já cunhada pela Associação.

Considero uma das grandes marcas dos vídeos realizados pela equipe, o exercício de filmar as relações sociais de Conceição como uma forma de eternizar a história vivida no território. Em entrevista, Adalmir<sup>9</sup> me afirmou que uma das maiores motivações para a manutenção do Crioulas Vídeo se concretiza na possibilidade de guardar a memória oral da Comunidade através de falas das pessoas mais velhas e de líderes políticos que contam o que viveram durante a história de ocupação do território desde a sua aquisição pelas seis negras no final do século XIX. É importante ressaltar a importância do Crioulas Vídeo no momento em que foi criado. A equipe foi inicialmente formada no ano de 2005, após uma semana de oficina de audiovisual com o grupo “Identidades”. Em 2005, o recém titulado território de Conceição das Crioulas ainda não havia sido completamente recuperado, por mais que o título previsse a desintrusão dos fazendeiros da região. Este momento foi marcado por uma luta contínua para que fosse possível o uso total do território regularizado pela Fundação Cultural Palmares.<sup>10</sup> Essa luta contínua foi marcada também por uma união da Comunidade em prol do bem coletivo ao momento que era concretizado no uso contínuo do território como um todo. É nesse momento que a conscientização dos jovens afim de potencializar a resistência da AQCC se tornou estratégica. Foi criado um Grupo de Trabalho dentro da AQCC encabeçado pelos jovens para que eles lutassem pelos seus direitos como protagonistas da vida em Conceição das Crioulas.

A criação da escola José Nêu também foi um fator importante para a participação da juventude no contexto político da Comunidade, visto que a escola foi palco para o amadurecimento de discussões sobre raça e identidade quilombola, ajudando o fortalecimento do discurso sobre etnicidade entre a juventude. Deste contexto político de empoderamento da juventude quilombola, se constroem as primeiras narrativas em vídeo de Conceição das Crioulas, a primeira comunidade quilombola a possuir uma equipe de vídeo em seu território. A escola é uma das principais utilizações dos vídeos da equipe, sendo utilizada como material

---

<sup>9</sup> Adalmir Silva, integrante do Crioulas Vídeo desde a sua primeira oficina no ano de 2005.

<sup>10</sup> Acerca da regularização fundiária de Conceição das Crioulas, ver capítulo primeiro deste trabalho.

pedagógico nas escolas para que os alunos tenham acesso às histórias contadas nos vídeos como uma forma de autoconhecimento.

Os vídeos buscam a valorização do território sempre mostrando o território de Conceição como palco vivo, marcado por um povo repleto de tradições e versátil em sua capacidade de criar novas estratégias políticas, combatendo diretamente o conceito de comunidade quilombola enquanto resquício arqueológico da escravidão da população negra. É importante ressaltar que tanto o termo “raça” quanto “etnia” são igualmente utilizados por ele para se referenciar a identidade da Comunidade de Conceição das Crioulas, tanto enquanto quilombolas quanto enquanto indígenas.<sup>11</sup>

Por não existir um roteiro pré-estipulado para cada filme, a articulação das imagens são feitas de acordo com a temática com várias possibilidades abordadas pelo grupo. Os filmes aqui analisados serão três: Conceição das Crioulas, Hora de Crescer e Ajudar de Conceição. Nos três casos, os vídeos se compõem principalmente de entrevistas com pessoas da comunidade, não fazendo parte do corpo das falas pessoas de fora de Conceição das Crioulas, assim como as gravações não são localizadas fora do território do quilombo. As imagens são feitas a partir desse movimento de dentro da Comunidade para fora, apenas no momento da distribuição dos vídeos e das participações dos grupos que apoiam a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas como é o caso do CCLF, Centro Cultural Luís Freire, a OXFAM, o grupo Identidades e outras organizações que possuem de certa maneira uma aliança com a AQCC, realizando projetos dentro da

---

<sup>11</sup> A Comunidade de Conceição das Crioulas faz divisa com o território indígena Atikum-Umã no qual possuem uma relação pacífica no qual dividem o território e parte da memória oral.

comunidade incluindo produções com a equipe do Crioulas Vídeo. As imagens coletadas com o selo Crioulas Vídeo são filmadas e montadas pela equipe em conjunção com o auxílio de qualquer um que se interesse pelo projeto a priori. Nem todos os vídeos são compartilhados com o público. Não tive acesso a todos os vídeos feitos pela produtora pela falta de disponibilidade nos meios virtuais, por mais que tenha conseguido alguns durante a minha estadia em campo. Os vídeos produzidos foram feitos principalmente entre os anos de 2005 a 2007, sendo o vídeo “Nós na Estrada” e “Serra das Princesas” as últimas produções crioulas das quais tive acesso.

(Tabela formada com dados do sítio YouTube)

<b>Filme</b>	<b>Duração</b>	<b>Ano de produção</b>
Quilombos do Brasil: Apresentação	00:02:52	N.I.
Vídeo de Apresentação 2008- Crioulas Vídeo	00:01:19	2008
Açude de Conceição	00:09:08	2007
Procurando um roteiro	00:10:00	2007
Serra das Princesas	00:09:51	N.I.
Nós na Estrada: Parte I	00:05:55	2010
Nós na Estrada: Parte II	00:04:46	2010

Esse acompanhamento da produção da equipe pode ser acompanhado pelo portal no sítio YouTube que tem o nome “crioulasvideo”. A seguir tabela com os filmes divulgados nos canais YouTube “crioulasvideo” e “adalquilombola” (referente à página pessoal de Adalmir Silva)

### **3.1 “Conceição das Crioulas”: o primeiro refletir sobre a Comunidade na linguagem audiovisual**

O primeiro produto filmico de autoria do grupo Crioulas Vídeo foi intitulado “Conceição das Crioulas”. Foi parte do esforço de uma semana de oficina intensiva em audiovisual promovida pelo grupo português Identidades<sup>12</sup>, erradicado na cidade do Porto, durante sua estadia na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas que se passou durante a semana dos povos indígenas e quilombolas no ano de 2005. Esse foi o primeiro dos muitos filmes realizados nos quase nove anos de trajetória do grupo e por isso, será o primeiro aqui analisado.

O filme tem duração de aproximadamente vinte e oito minutos, filmado com o equipamento doado à equipe pelos oficinairos portugueses. O início do filme retrata os integrantes do recém-formado Crioulas Vídeo em pequenas tomadas durante as oficinas com o grupo Identidades, apresentação e cortes com os integrantes filmando durante a oficina, câmera na mão e Conceição das Crioulas como plano de fundo. Essa é uma rápida introdução que antecipa a primeira “contação” em vídeo da história de Conceição das Crioulas. A voz que costura o vídeo é de Joseane, ou Neane, como é apresentada durante o vídeo. Sua voz e imagem nos levam para um direcionamento da história de Conceição contada por eles e – principalmente por ela, em contraste com as outras imagens que são entrevistas com algumas das pessoas importantes para a história política e social de Comunidade e por imagens de preenchimento que mostram a paisagem e formas de ocupação do território quilombolas de Conceição das Crioulas.

---

<sup>12</sup> Sítio para maiores referências: <http://www.identidades.up.pt>



(Imagem de Neane durante a narração do vídeo, retirada do curta-metragem “Conceição das Crioulas”)

Ao longo do curta-metragem, o Crioulas Vídeo narra por meio das entrevistas guiadas pela voz de Neane, a história do território de Conceição das Crioulas. O vídeo é tecido por blocos de entrevistas guiadas por uma separação de temas que constroem a luta e resistência feita pela população do quilombo construindo uma narrativa das estratégias políticas guiadas pela AQCC com a finalidade da titulação do território de Conceição das Crioulas. Os temas são divididos em áreas de ação da Comunidade sendo focados na construção e importância da AQCC, a fundação das escolas, a liderança feminina e a participação dos jovens no fazer político da Comunidade.

O tema das entrevistas segue para explicar como foi estruturada uma rede de ferramentas de resistência na Comunidade para que fosse possível não apenas a (re)ocupação do território pelos quilombolas, mas que fosse possível também uma estruturação política para que as demandas políticas e sociais fossem supridas. A discussão sobre o empoderamento político da Comunidade ao longo das entrevistas é centralizado na importância da fundação da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, espaço que promoveu um palco de discussão e categorização das áreas de ação necessárias para que fosse possível pleitear melhorias para a Comunidade. O vídeo é construído em blocos representativos das atividades políticas existentes em Conceição e suas demandas, com o foco especial na história do território e nas estratégias políticas das escolas quilombolas e da AQCC.

A identificação das pessoas que contribuíram com as entrevistas para o vídeo não foi feita de forma uniforme, sendo que por vezes a pessoa foi anunciada por



Joseane durante sua narração, mas por vezes a fala é iniciada por uma apresentação pessoal, como é o caso de Márcia, educadora da escola. A grande maioria das entrevistas não são identificadas nominalmente, sendo apenas referidas como lideranças de Conceição. A primeira fala, do senhor Virgílio, o historiador mais velho da Comunidade, consiste em contar como foi conseguido o território titulado da Comunidade e como se desenrolou o conflito fundiário que culminou na perda consistente das terras para os fazendeiros locais por intermédio do uso do poder e da força. As terras foram cercadas e quando muito trocadas por um valor aquém do seu preço de mercado, muitas vezes cambiadas por alimentos ou animais. Houve por parte de várias lideranças locais da época uma tentativa forte de retomada do território, mas sem apoio de qualquer outra instituição dificultando o processo de resistência das pessoas da Comunidade.



(Imagem de Virgílio, retirada do curta-metragem  
“Conceição das Crioulas”)

Após a fala do senhor Virgílio, há um corte para a fala de Joseane que direciona e resume a fala do historiador para concluir que há muito tempo, um dos maiores problemas da Comunidade é a legalização da posse da terra e direciona o vídeo para a fala de algumas lideranças que contam foi construída em Conceição das Crioulas a luta permanente pela manutenção do território. Conceição das Crioulas não pleiteou o espaço de maturidade política hoje consagrado por intermédio do uso da violência, mas por uma história de força principalmente por mulheres que conseguiram conquistar e (re)conquistar o território por meio de seu trabalho e incansável perseverança apesar das dificuldades que foram e são muitas.

A importância do conhecimento da história da Comunidade, passada por muitas gerações pela oralidade é o conteúdo da segunda entrevista, pela voz de Givânia Maria de Silva que não é identificada no vídeo. Segundo a fala de Givânia, foi através do fio do algodão e de uma luta constante para que fosse possível a posse da terra que o território de Conceição das Crioulas foi possível.



(Foto do grupo formado pela oficina e osicineiros do grupo Identidades. Imagem retirada do curta “Conceição das Crioulas” e primeira imagem do curta-metragem)

As seguintes falas consistem em argumentar sobre a importância da obtenção das terras para a Comunidade Quilombola. A terra é vinculada diretamente como uma possibilidade de desenvolvimento por parte da Comunidade, sendo uma possibilidade de produzir relações e prosperidade para a Comunidade em contradição aos males que o cerceamento das terras culminaram como o desemprego e a violência. A titulação é a forma mais possível de garantir o direito de possibilidade de produção agrícola e desenvolvimento da população. A distribuição das terras é uma marca das relações de poder e é símbolo do reconhecimento da luta quilombola pela permanência e pertença para com o território ocupado.

Na Comunidade de Conceição das Crioulas, a sobrevivência vem da terra, o emprego vem da terra, o desenvolvimento nosso, a gente querendo ou não, ele virá da terra. Na medida em que a terra fica presa a um pequeno grupo

ou a uma pessoa, que ele não deixa ela ficar a serviço da comunidade aí causa o que? O desemprego, a violência, a fome, porque o pessoal, quem mais precisa da terra não pode se desenvolver. Por que não pode se desenvolver? Porque detém na mão dos agricultores a mesma parte das terras de Conceição das Crioulas, a maior parte de terra que baixa que deveria estar a serviço da agricultura, está a serviço de fazendeiro. (Homem identificado enquanto liderança no curta “Conceição das Crioulas”, 2005.)

Eu como membro do sindicato, eu vejo que a luta que a gente vem lutando sempre a favor da titulação e o sindicato sempre apoia a luta a favor do título de Conceição porque tendo a titulação quer dizer que todo mundo tem direito a um pedaço de terra pra trabalhar. (homem não identificado, curta-metragem “Conceição das Crioulas”, 2005.)

A luta não tem sido fácil. Toda luta é difícil a nossa também. É muito difícil principalmente quando se trata da questão da terra. Me parece que a luta pela terra, ela não, é algo que está no papel. O governo fala muito da questão fundiária, da questão da reforma agrária, que é preciso haver uma descentralização das terras, tirando da mão de grandes latifundiários, de pessoas que detém grandes espaços apenas para se dizer dona do poder. Então na prática, quando você vai pra prática você vê uma dificuldade muito grande. O próprio governo começa a dificultar muitas vezes o acesso do povo às terras, as leis referentes à questão da terra, elas não são levadas a sério, isso faz com os fazendeiros, os poderosos aumentem o seu poder de força, já que eles sempre querem ter o domínio sobre a população. (mulher não identificada, curta-metragem “Conceição das Crioulas”, 2005.)

A gente fazendo uma memória histórica, a gente começa, identifica vários cidadãos que foram ameaçados aqui em Conceição das Crioulas quando se tratou da questão da terra e pra nós não seria diferente, pra Comunidade não seria diferente então é verdade que os fazendeiro já não estão tão forte quanto eles tiveram no passado, porque tem mais elementos, elementos conscientes, de luta que tem coragem de enfrentar os fazendeiros, não com as mãos armadas, mas com a educação, com a lei, com a dinâmica, com a conversa. (homem não identificado, curta-metragem “Conceição das Crioulas”, 2005.)

Hoje, dia em que estamos realizando um grande encontro de educadores indígenas e quilombolas já com o objetivo de fortalecer a forças através da união, tivemos um momentos de certa forma tensos, porque os fazendeiros e latifundiários vem pra dentro e manipulam parte das pessoas e com isso tentam destorcer o trabalho, tentam desmobilizar como forma de segurar o poder em suas mãos e continuar dominando o espaço como forma de oprimir as pessoas que aqui estão. (mulher não identificada, curta-metragem “Conceição das Crioulas”, 2005.)

É possível observar pelas entrevistas concedidas para a realização dos vídeos a união entre frentes de ação dentro do quilombo organizadas em prol da garantia das terras em sua plenitude, sendo possível também observar as formas de organização dessas frentes. A AQCC tem como objetivo a promoção de encontros e de rodas de conversa sobre os rumos necessários para a obtenção das demandas da Comunidade, sendo que dessa forma é possível existir a organização de planos de ação dentro dos encontros, mas também uma maior conscientização da população de dentro e de fora do território sobre a causa quilombola e as pautas de Conceição das Crioulas.

A conscientização sobre a pauta quilombola tem maior espaço dentro das discussões sobre e dentro das escolas da Comunidade, sendo esses espaços palco das maiores reivindicações de Conceição para com a prefeitura de Salgueiro. As escolas são o espaço em que a história de Conceição é ensinada para os jovens da Comunidade, sendo um espaço de protagonismo da história quilombola.

Eu sou Marcia, sou educadora da Comunidade e tô aqui na luta desenvolvendo o projeto de educação que a gente pensa pra Comunidade, projeto de educação específico, diferenciado intercultura por conta do referencial que a gente tem do povo quilombola, o povo étnico-quilombola. Nossa história do povo negro foi abafada foi negada, né? Conceição é uma comunidade que tem mais de 200 anos e só a partir de poucos anos atrás mais especificamente 10 anos que a gente começou a resgatar a nossa história dentro da escola. A nossa educação hoje dentro da questão de trabalhar a nossa história, quem somos, de onde viemos tá bem avançada porque a gente entende que a nossa educação, a nossa autoestima quando a gente conhece a nossa história quem somos, o que a gente está fazendo aqui é que a gente consegue traçar um caminho de onde a gente quer chegar. A partir de 1995 foi implantada uma escola, através da nossa luta, uma escola de 5ª a 8ª série e nesse ano a gente começou a discutir, a levar para o currículo da escola, a modificar esse currículo colocando a nossa história, começou a partir daí um resgate. A gente ia pesquisar com os mais velhos quem foram os nossos ancestrais, quem era o nosso povo, a nossa cultura que tinha aqui, a gente discutia como a relação das pessoas com as outras, até com os indígenas. (...) Nós somos miscigenados com os indígenas, a gente não pode negar essa história. A gente começou a discutir isso e partir daí que a gente foi entendendo quem nos éramos e ate começar a gostar a gente, porque assim, a gente foi a vida toda dito que ser negro

era feio, que não prestava, tudo que não prestava. Eu mesma, às vezes tenho até vergonha de falar disso, mas eu não me identificava enquanto negra, né? Eu era qualquer outra coisa menos eu dizia que era negra, então a partir daí, a partir de chegar aqui no território na comunidade de Conceição das Crioulas, eu cheguei a descobrir isso a partir da história de outros quilombos também, do próprio quilombo dos palmares eu fui começando, a gente foi começando a entender a história de Conceição e foi a partir daí... Então hoje as pessoas já não tem mais vergonha de dizer que é negro, já se assumem, já vão atrás, né? Da sua história, já querem avançar cada vez mais, querem mostrar para o mundo quem somos nós. Somos capazes, inteligentes e estamos aqui na luta. (Fala de Marcia, educadora da Comunidade, cedida para o curta-metragem "Conceição das Crioulas", 2005.)

Neane: Zélia, o que significa PETI?

Zélia: PETI significa Programa de Erradicação do trabalho infantil que tem como uso dos seus objetivos resgatar a autoestima das crianças e adolescentes que vivem em situações de risco, né? Então o PETI tem esse o objetivo de resgatar a autoestima de crianças e adolescentes através de atividades lúdicas, né? Através do esporte, da dança, da arte. Então é um programa bom, porém é muito difícil de trabalhar por conta que é um governo, é um programa do governo, né? E quando os programas do governo chegam a gente não tem a opinião da Comunidade, né? Então são programas que vem de cima para baixo e não de baixo para cima e aí foi um desafio. (Fala de Zélia, educadora da Comunidade, cedida para o curta-metragem "Conceição das Crioulas", 2005.)

A discussão que Zélia traz sobre a falta de liberdade no PETI para que haja a possibilidade de moldar as atividades do programa de acordo com as necessidades da Comunidade é uma das principais razões para que as escolas da Comunidade permaneçam sendo diferenciadas no sentido de que o currículo seja focado para a história de Conceição das Crioulas. As discussões acerca da juventude quilombola são pautadas no sentido de valorização da história da Comunidade e desenvolvimento da autoestima desses jovens afim de que se crie em Conceição o protagonismo por muitos anos abafado da imagem da pessoa negra e quilombola.

O grupo de jovens da AQCC deu início no ano de 2003 já no início, porque em dezembro é... aconteceu no início de 2004. Em dezembro de 2004 aconteceu o encontro nacional das comunidades quilombolas e aí lá foram chamados alguns jovens que aí já participavam de outro grupo que chamava o Ação Jovem que tinha aqui, o nome do grupo era JBC, Jovens em Busca de Conscientização,

também acho importante que os jovens precisam participar mais do que a Comunidade faz. Saber o que a Comunidade faz e participar, porque antes não tinha muitos jovens participando não, aí eram resolvidas coisas pra nós onde a gente nem sabia o que era, depois era que ficava sabendo que foi decidido lá e com a nossa participação lá era a gente que decidia o que era melhor pra gente. Ter uma outra pessoa lá dizendo o que é melhor pra gente não, nós é que dizemos. (Fala retirada do curta-metragem “Conceição das Crioulas”, 2005.)

As falas dos vídeos são cedidas tanto por jovens assumidamente indígenas ou quilombolas quanto por pessoas que não se identificam sendo um exercício de discussão étnica muito mais do que uma forma de definição étnica das comunidades. É o fazer parte deste universo tão rico culturalmente que mostra o amadurecimento da equipe Crioulas Vídeo em buscar abranger temas importantes para Conceição das Crioulas em seus vídeos. O exercício de filmagem do curta-metragem “Conceição das Crioulas” é o primeiro momento de aprendizagem técnica da equipe Crioulas Vídeo e de formação de um momento de socialização destes jovens. O desenvolvimento da linguagem audiovisual feito por esses jovens caminha nos sentidos de representação fílmica do espaço habitado por esses jovens e de desenvolvimento da luta quilombola centralizada na reivindicação territorial.

Deste processo de autodescobrimento, o curta-metragem perpassa vários pontos que auxiliam o espectador a compreender o viés que essa equipe busca ensinar no que se remete às vivências locais. Categorizo este vídeo como vídeo-memória, sendo evidente o esforço de resgate e contação da história de Conceição das Crioulas como eixo central. A história aqui é contada por pessoas que têm local de fala privilegiado: vem de dentro. Essa construção do diálogo entre pessoas de Conceição evidencia a falta de necessidade de nominação das pessoas entrevistadas, visto que esse vídeo tem como principal proposta ser um produto que circule internamente, onde eles não precisam de apresentação formal.

### 3.2 Hora de Crescer: uma discussão sobre etnicidade em Conceição das Crioulas

A Hora de Crescer é um filme dedicado a discutir a questão de identidade étnica na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas e seus arredores em seus aproximadamente doze minutos de duração. O quilombo faz divisa territorial com a reserva indígena Atikum-Umã e com eles também compartilham da memória oral e pertença do território do segundo distrito de Salgueiro. O curta se baseia em entrevistas cedidas por jovens da Comunidade se auto-afirmando etnicamente e comentando sobre as particularidades da convivência assumidamente pacífica entre quilombolas e indígenas no segundo distrito de Salgueiro-PE.



(Imagem retirada do filme “Hora de Crescer”)

O documentário é realizado com o apoio do grupo Identidades que retorna a Conceição das Crioulas para auxiliar os jovens do Crioulas Vídeo na manutenção dos trabalhos iniciados por essa parceria. A montagem final dos vídeos é elaborada a partir de uma costura das falas em seus três blocos em que os entrevistados são apresentados pelas perguntas e apresentadas entrelaçadas durante o documentário, tendo sido alinhadas por mim para melhor compreensão da narrativa dos entrevistados, pelas falhas da adaptação da narrativa do vídeo ao texto elaborado. As imagens são feitas em dois tipos distintos: câmera móvel durante o início do curta-metragem utilizada como uma abertura à discussão sobre a juventude que habita o segundo distrito do município de Salgueiro e a reserva indígena Atikum-Umã.

O filme começa com pequenos cortes dedicados a demonstrar a juventude em Conceição das Crioulas em seus espaços de ocupação comum, mostrando a vivência dessa juventude que cresceu ocupando um mesmo lugar. A entrada da narração em *voice off* é preenchida imagetivamente pelas cenas dos bastidores da realização das entrevistas que darão corpo ao curta-metragem documental. Essas imagens são feitas pelos integrantes do Crioulas Vídeo em diversos lugares do território de Conceição das Crioulas e esses lugares não são distinguidos nominalmente assim como não são feitas as apresentações nominais de todas as pessoas que concedem as entrevistas à equipe. Essas imagens buscam abranger de forma casual a juventude nesses locais sendo filmadas as casas e centros tradicionalmente ocupados como centros de reuniões em Conceição das Crioulas como o CPA (Centro de Produção Artesanal) localizado na Vila Centro. As perguntas direcionadas aos jovens entrevistados consistem na auto-identificação étnica e seus desdobramento nos territórios de Conceição das Crioulas e da reserva Atikum-Umã. As entrevistas são feitas com cinco jovens Atikum e Quilombolas baseadas em três perguntas principais iniciadas com a pergunta: “Como você se identifica?”. As outras perguntas são a explicação das razões para se identificar etnicamente enquanto indígena ou quilombola e como se dá a relação entre quilombolas e indígenas neste espaço. As entrevistas são realizadas por diferentes integrantes do Crioulas Vídeo, não identificados nominalmente durante o vídeo cabendo o reconhecimento feito por mim pela voz de cada um ou uma. As entrevistas são divididas de acordo com as perguntas realizadas, sendo o produto final da montagem uma costura das falas em três blocos de todos os participantes.

Eu, Genésio Silva, índio Atikum e tenho 19 anos.

Kêka: Como você se define enquanto etnia?

Genésio: Eu me defino indígena, índio Atikum. Cultivando nossas tradições e é isso. (...) Eu me defino índio Atikum porque eu nasci dentro do território Atikum, meus antepassados são indígenas Atikum também, né? Então já nasci cultivando nossa cultura, vendo nossas tradições, nossa luta sempre, sempre indígena e lutando por nossos objetivos.

(Fala retirada do curta-metragem “Hora de Crescer”, produção: Crioulas Vídeo no ano de 2007)

Sou negra. Não só pela cor, pelo jeito do cabelo, mas a história da comunidade que eu faço parte também demonstra que eu sou negra e que eu sou quilombola, né? É uma característica a mais. Pela história de que pessoas que chegaram aqui vieram talvez fugidas da escravidão e que aqui por ser um lugar bom pra trabalhar elas ficaram e foram fazendo família até hoje então eu sou negra e quilombola por



isso. (Fala retirada do curta-metragem “Hora de Crescer”, produção: Crioulas Vídeo no ano de 2007)

Meu nome é Aline Lopes Leite Rocha. Tenho 17 anos e sou estudante. (...) Eu me identifico como índia, como indígena. Por quê? (risos) Porque os meus pais dizem que eu tenho sangue indígenas, os meus antepassados são índios então eu me considero como índia. Por isso! (Fala retirada do curta-metragem “Hora de Crescer”, produção: Crioulas Vídeo no ano de 2007)

Meu nome é Ronaldo José de Oliveira, tenho 21 anos e trabalho de agricultor. (...) Eu me identifico como negro de quilombo. Se somos todos uma família só mesmo sangue, não tem como ter divisão de negro e branco. (...) Nosso ancestrais eram negros e a gente... E a gente ficou com esse sangue desses negros. (Fala retirada do curta-metragem “Hora de Crescer”, produção: Crioulas Vídeo no ano de 2007)

Rapaz eu sou... Eu tô lá e cá, eu não tenho isso por nenhum lado não, ó.

Martinho: A pergunta é mais direcionada pra: Como você se dá? Você se dá bem com todo mundo ou você não se dá?

Com a galera? Rapaz, eu mais dentro da folia dos índio, olha. Eu me dou bem como todo mundo, com a galera dos índio e com a galera dos quilombola, não tenho preconceito com nenhum dos lado não que pra mim são tudo humano, ó. (Fala retirada do curta-metragem “Hora de Crescer”, produção: Crioulas Vídeo no ano de 2007)

Não cabe uma formula rígida de autoafirmação ou a necessidade de se identificar enquanto quilombola ou indígena durante as entrevistas. O curta-metragem explicita a complexidade da aplicação do conceito de identidade quilombola ou indígena em um território que se definir etnicamente de uma forma ou outra é uma marca da identidade das duas etnias que ocupam espaços por vezes considerado o mesmo. O curta-metragem “Hora de crescer” é uma representação da constante atividade do Crioulas Vídeo no ano de 2007 de buscar registrar as relações existentes no território que ocupam a partir da ótica das juventudes indígena e quilombola. Essa emancipação dos jovens participantes desse filme demonstra um empoderamento dessas pessoas nos assuntos da Comunidade sendo uma forma de se tornarem protagonistas dentro dos processos políticos de Conceição das Crioulas.

A discussão sobre etnia é muito cara dentro do plano de ensino das escolas da comunidade, sendo o curta-metragem aqui tratado uma forma de iniciar a discussão sobre identidade na Comunidade de Conceição das Crioulas, representando as diferentes comunidades que habitam o território e se tornando

possível criar/aumentar o processo de autoestima dos jovens da comunidade. Este vídeo tem em si o intuito político de trabalhar dentro da comunidade as relações étnico-identitárias, sendo um vídeo que busca registrar a memória e história da comunidade, mas também busca melhorar o diálogo entre os povos indígenas e quilombolas.

Grande parte das reflexões acerca de identidade são pautadas na premissa da diferença entre grupos que coincidem dentro de uma mesma região. Este vídeo tem como intenção buscar compreender entre a juventude, as maneiras em que essas relações identitárias se dão nessa região ocupada pelo segundo distrito de Salgueiro e a reserva indígena Atikum-Umã. As questões étnicas são parte de um ponto sempre em voga em Conceição das Crioulas e por mais que não tenham sido trabalhadas com atenção ao longo deste trabalho, é importante ressaltar como a aliança entre indígenas e quilombolas é pautada pela harmonia e respeito mútuo. Essa relação pacífica faz parte de uma tradição de compartilhamento deste espaço e desses grupos que dividem laços ancestrais de pertencimento com os territórios.

### **3.3 O Açude de Conceição: a situação da água**

A água sai de Cabrobó  
Parnamirim, Salgueiro  
Até Jati /Deixe o rio desaguar, doutor  
Pra acabar  
Com o sofrimento daqui

A música “Deixe o rio levar” de Flávio José dita a trilha sonora e a temática tratadas nesse projeto da equipe crioula de produção audiovisual. Nesse projeto, a equipe se junta para discutir um dos assuntos mais caros para a Comunidade de Conceição das Crioulas: a água. Pela disposição geográfica da comunidade no sertão central pernambucano, a disputa pela água sempre foi um assunto recorrente e o acesso à água também é uma forma de manutenção do poder nessa região por ser considerado aqui um produto escasso. O curta-metragem tem duração aproximada de nove minutos nos quais se busca trazer conhecimento sobre as

formas de socialização que são promovidas a partir da utilização do açude pela população de Conceição das Crioulas.

O filme é uma conjunção de entrevistas sobre a socialização promovida pelo açude e uma preocupação sobre o seu uso indevido pela escassez dos recursos hídricos na região. As entrevistas são feitas em dois momentos: no açude e nas casas de algumas pessoas entrevistadas convergindo com algumas imagens demonstrativas das formas de utilização da água nos domicílios. As imagens utilizadas são feitas a partir de câmeras fixas nas pessoas entrevistadas e filmagens do açudes e das formas de captação e distribuição de água na comunidade. O filme foi realizado no ano de 2007 e mostra uma açude cheio, possível de ser utilizado de diversas formas desde o auxílio para a agricultura como no divertimento das pessoas que buscam nas águas do açude uma maneira de se refrescar do calor intenso.

Essa região nossa aqui do povoado, da Vila e da Vila União não foi possível encontrar um lençol freático para que fosse possível dessalinizar essa água e aí fomos encontrar uma alternativa na água do açude. Assim sendo, foram montadas três estações. Depois dela pronta, não tem nenhum risco de contaminação e até nos dissemos e fizemos a experiência aqui e algumas pessoas que têm problema de saúde, como problema renal que exige uma água mais qualificada, começaram a ter menos problemas com essa água dessalinizada, que além de tirar o sal ainda trata a água para ser distribuída. A água não é distribuída nas torneiras, mas nas latas e cada família tem uma quantidade pra pegar. (Fala de homem não identificado retirada do curta-metragem “Açude de Conceição”, produzido no ano de 2007)

Aqui todo mundo tem água encanada nas casas, todo mundo. Tem um bocado de gente que trabalha nessa água, um dia que falta um, aí falta água nas casas, mas no outro dia que o outro vai trabalhar, tem água. Aí o dia que não tem, não é tão longe, a gente pode pegar cedinho, pega com a lata de casa. Dá pra lavar os ‘trem’, dá pra tomar o banho sem precisar de ir pro açude. (Fala de mulher não identificada retirada do curta-metragem “Açude de Conceição”, produzido no ano de 2007)

Nas águas do açude, as pessoas da comunidade encontram uma maneira de abastecimento de água que pode ser utilizada para a preparação de alimentos, higiene pessoal e lavagem de roupas. O uso indevido das águas do açude é exposto

no vídeo nas práticas de utilização dessa água comum para fins particulares como higiene pessoal e lavagens de automóveis ou animais que auxiliam no processo de assoreamento e poluição das águas do açude. A preocupação com a manutenção do açude nesse vídeo se pauta principalmente na dependência da comunidade desse recurso hídrico, visto que o abastecimento de água e saneamento básico nos domicílios ainda é precários. Durante as minhas duas imersões de campo no ano de 2013 pude observar os prejuízos causados pela falta de abastecimento de água na comunidade acarretado pela estiagem intensa que secou o açude e impossibilitou a agricultura no território de Conceição das Crioulas. Essa estiagem cria um problema econômico e social dentro do território, impossibilitando o desenvolvimento de qualquer tipo de produção rural e dificultando também a produção artesanal e outras formas de obtenção de renda da Comunidade agravando ainda mais o estado financeiro da população.

Nós já fizemos diversas campanhas para evitar a lavagem de roupa, de carros e até de pessoas dentro do açude, mas como é uma situação cultural desde muito tempo... eu mesma quando pequena tomava banho dentro do açude, até tomar consciência da utilidade que ela tinha. Então fica difícil porque nem todas as pessoas se convencem que a água do açude, apesar dela passar por um processo de filtragem, ela precisa estar limpa pra poder facilitar o tratamento. As pessoas não tomam consciência disso e aí a água vai sendo mexida e cada vez que ela vai sendo mexida, ela não tem condição de ser tratada. (...) A maioria das pessoas hoje tem banheiro em casa e quando o açude seca, e o açude já secou várias vezes, a gente não vai procurar outro açude pra tomar banho dentro, a gente termina tendo que se aliviar do calor tirando água da cacimbinha que abre no meio do açude pra ir tomar banho atrás do açude. (...) O banho dentro do açude é interessante, é bom, é gostoso porque faz parte da cultura e é também um divertimento, é o único espaço de lazer. (Fala de mulher não identificada retirada do curta-metragem “Açude de Conceição”, produzido no ano de 2007)

Em contraposição às dificuldades acarretadas pela carência trazida pela falta de água, o açude também é um momento de socialização e união na comunidade, sendo um ponto de encontro e uma forma de lazer principalmente para a juventude quilombola que encontra um local de divertimento. As entrevistas com os jovens mostram a necessidade de conscientização de todas e todos para o cuidado com o território que ocupam, sendo possível de observar nas entrevistas como todas e todos os entrevistados são conscientes do papel de todos na preservação do território. Para que houvesse melhor utilização das águas do Açude, foi construída

às suas margens a lavanderia coletiva da comunidade, para que se possa usar as suas águas, mas sem contaminar o açude com os químicos das lavagens. As iniciativas de conscientização são tão presentes no que se remete às formas de utilização das água na comunidade que esse vídeo se torna ao mesmo tempo um aparato de dispersão da mensagem urgente dessa conscientização e também um acervo fílmico que representa as formas de captação, distribuição e utilização dos recursos hídricos pela população de Conceição das Crioulas.



(Imagem retirada do curta-metragem “Açude de Conceição”, produzido no ano de 2007)

Menino 1: Nós fica olhando a televisão, a praia, as meninas tudo de biquíni, fica logo assim imaginando. Quando chega aqui, as meninas tudo com calça comprida, só falta botar uma blusa de manga comprida também.

Menina 1: Eu não uso biquíni porque eu não me sinto bem. Eu me sinto bem só com a parte de cima, agora com a de baixo, eu não me sinto bem não.

Lena: Mas também se vier aqui de biquíni os meninos aqui ignoram, ficam tirando onda

Menino 1: Admirando...

Lena: Fica até chato o jeito que vocês ficam admirando

Cícero: E como é que a gente admira?

Lena: Fica olhando! Chega deixa as meninas constrangidas do jeito que vocês olham. Os outros de foram olham com naturalidade e os daqui não.

Menina 2: Mas eu tenho certeza que se vocês vissem as mulheres só de biquíni, vocês ficam desejando.

Lena: Vão ficar olhando pra bunda as mulher!

Menino 1: Mas isso aí é natural, todo mundo olha.

Menina 2: Mas desejar não é natural não.

Cícero: E você não desejam não? Vamos ser realistas.  
(Falas de jovens retiradas do curta-metragem “Açude de Conceição”, produzido no ano de 2007)

O duplo vínculo de memória e ação política é uma das principais marcas das formas de apropriação dos recursos imagéticos pela equipe do Crioulas Vídeo. Os filmes são realizados sempre com maior enfoque no conteúdo apresentado do que na sua forma, sendo a discussão acerca dos enquadramento um dos pontos mais frágeis dentro de todo o espectro de discussões possíveis no acervo apresentado pela equipe. A discussão sobre a apropriação das águas do açude é uma maneira de empoderamento dessa população sobre o seu território cabendo um diálogo interno sobre como pode ser possível utilizar os recursos do território de uma forma que seja mais benéfica para o coletivo.

### **3.4 As narrativas (re)criadas em vídeo**

Kêka<sup>13</sup> uma vez me contou sobre as dificuldades que faziam o projeto Tankalé existir e de como a vontade e o sentimento de necessidade faziam dessas dificuldades apenas parte dos percalços das aventuras vividas durante as viagens para a realização das oficinas. Entre doenças de seu filho Moisés, motocicletas lotadas de equipamento e cansaço de um trabalho exaustivo, se criava uma família a partir das oficinas. Uma família que aprendia a partir da criação em audiovisual como criar memória e corporificar experiências vividas antes, durante e depois do processo de filmagem. Dessas estradas que viraram zonas de pertencimento durante os processos das oficinas do Tankalé, se criaram também diferentes formas de se pensar e fazer memórias entre as Comunidades Quilombolas que compartilharam esse momento de união. É dessa união que surge um ímpeto de invenção e ressignificação da identidade individual e coletiva. O que vemos nos vídeos crioulos não é uma herança do racismo, mas uma fonte viva de força e luta por melhores condições de vida, uma nova forma de angariar espaços e existir.

As histórias do Tankalé são várias. Desse vai-e-vem entre Comunidades que por vezes durou mês, foram criados os laços, afetos e foi sendo concretizada uma

---

<sup>13</sup> Jocicleide Valdeci de Oliveira, a Kêka, é uma das integrantes ativas do Crioulas Vídeo participando do grupo desde o ano de 2006.

forma de contar uma história de um povo pelos jovens do Crioulas Vídeo, que foram aprendendo e passando para que outras Comunidades Quilombolas pudessem também aprender a construir esse movimento de dentro pra fora, de maturidade política e consciência identitária e espacial. A forma que se exerce o fazer cinematográfico dos filmes tanto do Crioulas Vídeo quanto das equipes formadoras da rede Tankalé são muito próximas, sendo os vídeos formados dentro do formato de documentário expositivo (NICHOLS, 2005). A realidade escolhida para ser retratada é construída a partir das Comunidades as quais os integrantes das produtoras habitam, em seu mais amplo significado, sendo potencial filmico sob várias formas. É a partir da prática de documentario que os jovens começaram a ativamente compreender e resignificar simbolicamente Conceição das Crioulas, disponibilizando seu tempo e conhecimento em audiovisual para perguntar, ouvir e registrar sobre Conceição das Crioulas e sobre as outras Comunidades Quilombolas presentes no Tankalé.

O tipo de documentário explorado pelos integrantes do Crioulas Vídeo procura mostrar a realidade local a partir das suas próprias formas de contar o mundo, traçando o caminho de dentro para fora de Conceição das Crioulas, sendo enquadrado dentro do modo expositivo de documentação fílmica. Para Nichols: “O modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõe uma perspectiva, expõe um argumento ou recontam a história.” Outra característica desta forma de documentário utilizada nos filmes crioulos é a narração em *Voice Off* ou “Voz de Deus”, narração em que se ouve a voz, mas nunca a imagem do narrador que de forma onipresente, nos guia para compreender a história contada.

Dos três filmes trabalhados nesta sessão, o empenho em concretizar em vídeo a vida em Conceição das Crioulas se forma a partir da ótica desses jovens que buscam a partir da representação fílmica do mundo que habitam, uma forma de reconhecimento da luta e das manifestações políticas e culturais quilombolas.

A grande forma de documentario observada nos videos feitos em Conceição das Crioulas é muito próxima aos videos feitos nas oficinas do Tankalé, sendo alternadas as imagens das entrevistas com cenas de preenchimento dos territórios e costumes locais. Os exercícios das filmagens caminham diretamente com o descobrimento técnico da linguagem com o auto-descobrimento buscando desses

jovens as reflexões políticas sobre identidade, território e luta política das comunidades quilombolas.

Compreender a atuação desses jovens no experimento das atividades do audiovisual se constrói na amplitude de oportunidades passíveis de serem criadas dentro do espaço que ocupam, sendo a utilização dessa linguagem uma possibilidade de criação de um espaço político para que esses jovens possam pensar as comunidades das quais fazem parte como um espaço em que eles possam ser também atores e não o espaço relegado dos jovens de marginalização nas atividades políticas. Esse fazer documental serviria como além de ferramenta política, como um processo de estima com o território e empoderamento dentro da história compartilhada por eles. Essa forma de ser atuante dentro do resgate das memórias das comunidade é uma forma de protagonismo das histórias quilombolas que tem seu início desde a infância com o exemplo da criação das escolas diferenciadas no território de Conceição das Crioulas ou a entrada dos jovens no MAB, Movimento dos Atingidos por Barragens, como é o caso do Território Águas do Velho Chico do Ribeirinhos Vídeo. Todas essas circunstâncias próprias de cada comunidade são fonte viva de redescoberta e inovação política dentro das comunidade, tendo um espaço de movimentação plena na juventude local.

Projetos de inclusão vem crescendo no Brasil nas últimas décadas. Essas oficinas técnicas dos conhecimentos da fotografia e cinematografia são fruto de uma democratização dos equipamentos fílmicos e do aumento da importância da imagem em nossa sociedade (Gama, 2006). Essas oficinas são uma maneira de incluir grupos enquadrados enquanto marginalizados do eixo central da produção da imagem e dar visibilidade e empoderamento da própria imagem por esses grupos. O projeto “Vídeo nas Aldeias” foi precursor, dentro do campo do cinema, no Brasil ao criar uma rede de cineastas indígenas que a partir das oficinas ensinadas pela equipe passaram a ter na linguagem audiovisual um novo modo de pensar a própria cultura e criar suas narrativas (Carelli & Gallois, 1995). Esse projeto dá margem para uma inovação na forma de representação de grupos até então marginalizados nas produções cinematográficas vigentes.

Dentro da antropologia, pensar a imagem foi durante muito tempo um apêndice do material de pesquisa e um suporte para o texto escrito. A metodologia do fazer imagético das fotos do Balinese Character (Bateson & Mead, 1962) ou do



documentário “Nanook do Norte” de Robert Flaherty<sup>14</sup> exemplificam nos dois casos, que são marcos para o início das conexões entre antropologia e imagem, o distanciamento entre quem faz a imagem e de quem é registrado. Para Mead as imagens seriam utilizadas de forma ótima na pesquisa enquanto instrumento demonstrativo da objetividade, como dispositivo de recolhimento de informação científica, com o intuito de preservar o registro de fenômenos culturais ameaçados de extinção devido às mudanças sociais e econômicas (Mead, 1995).

O processo fílmico realizado pelas equipes formadas pelo Tankalé buscam um caminho comum de protagonismo da realização das imagens feitas sobre comunidades quilombolas no Brasil. Essa forma de criação autoral de documentários feitos por comunidades étnicas no território nacional acontece recentemente se for considerada história do cinema documental como um todo. As equipes de filmagem indígenas têm seu protagonismo feito principalmente com ajuda da rede Vídeo Nas Aldeias<sup>15</sup>, com sede em Olinda-PE, que há pouco mais de vinte e cinco anos vem auxiliando comunidades indígenas a obter meios para a realização audiovisual. Focada em Comunidades Quilombolas, a rede Tankalé é a primeira iniciativa de educação quilombola dos conhecimentos em audiovisual e a primeira rede quem quem osicineiros também são quilombolas. Essa linha de repasse de conhecimento é um dos principais impulsos para que se busque a continuidade do projeto, visto que deste processo de proximidade encontrado entre comunidades quilombolas, se cria também um vínculo de identidades e de reconhecimento.

Enquanto o VNA trabalha principalmente com os ensinamentos da linguagem audiovisual para as comunidades indígenas, a rede Tankalé se preocupa em

---

<sup>14</sup>O documentário “Nanook, O Esquimó” (1922), dirigido por Robert Flaherty é considerado precursor no gênero. O filme de não-ficção aborda a luta pela sobrevivência dos esquimós no Canadá. No longa-metragem, são exploradas cenas do cotidiano, comportamento e hábitos dos esquimós. Para realizar a não-ficção, Flaherty utilizou a técnica do presente etnográfico durante os doze meses em que esteve filmando.

<sup>15</sup> “Criado em 1986, **Vídeo nas Aldeias** (VNA) é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. O objetivo do projeto foi, desde o início, apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de um produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o VNA trabalha.” citação retirada da apresentação do VNA em seu site oficial: [www.videonasaldeias.org.br](http://www.videonasaldeias.org.br)

trabalhar a questão da identidade política como aliada inseparável das oficinas técnicas ofertadas para cada comunidades. Não consigo pensar uma separação entre arte e política dentro dos caminhos traçados pelos produtores quilombolas tanto do Crioulas Vídeo quanto da Rede Tankalé. À exceção de Conceição das Crioulas, todas as comunidades quilombolas que participaram da capacitação ainda estão lutando para a obtenção do título. Essa oficina vem como uma aliada para que essas comunidades possuam ainda mais estratégias internas para que esse processo de regularização fundiária possa um dia ter fim e as comunidades possam ter a autonomia de seus territórios.

### **Considerações finais**

Em uma das minhas idas a Conceição das Crioulas, Adalmir certa vez afirmou que o seu jeito de fazer filme era muito diferente do meu. A conversa foi puxada quando eu perguntei a ele sobre quais eram as especificidades da produção audiovisual quilombola feita pela equipe Crioulas Vídeo. A discussão não era sobre técnica cinematográfica ou sobre qualquer tipo de outro conhecimento da linguagem fílmica, mas afim de entender a diferença do local de fala de uma pessoa quilombola que filma de dentro para fora do quilombo e de uma pessoa não-quilombola que se disponha a filmá-lo. O mesmo gatilho foi acionado por Martinho, enquanto entrevistava Valdeci de Oliveira para o seu trabalho de conclusão de curso em Geografia – “O seu jeito é bem diferente do nosso, né?” Afirmou Martinho<sup>16</sup>.

O meu jeito é: ser estudante de antropologia de um local não-Conceição das Crioulas e ser fotógrafa em um local que não seja Conceição das Crioulas. O fazer antropologia de quem vem de fora dessa realidade se aproxima aqui do processo de filmar de quem vem de fora. Pesquisar enquanto “outro” foi tema precioso para tantas etnografias da antropologia clássica quanto foi para a base dos estudos do cinema documentário. Qual seria para eles a preciosidade de filmar o “eu”?

A relação que o antropólogo constrói entre duas culturas – a

---

<sup>16</sup> Adalmir e Martinho são nascidos em Conceição das Crioulas e são membros-fundadores do Crioulas Vídeo.

qual, por sua vez, objetifica essas culturas e em consequência as ‘cria’ para ele – emerge precisamente desse seu ato de ‘invenção’, do uso que faz de significados por ele conhecidos ao construir uma representação compreensível do seu objeto de estudo. O resultado é uma analogia, ou um conjunto de analogias, que ‘traduz’ um grupo de significados básicos em um outro, e pode-se dizer que essas analogias participam ao mesmo tempo de ambos os sistemas de significados, da mesma maneira que seu criador. (Wagner, 2010:36-37)

Roy Wagner trabalha com o potencial criador/criativo da cultura, entendendo como a dinâmica da cultura é um devir, compreendendo que as adaptações são parte intrínseca do que compreendemos como as dinâmicas culturais. Este ato de criação é o que constrói o alicerce do estar em campo e da construção do conceito de cultura. Este estar junto constrói a minha visão da cultura ao mesmo tempo que a minha cultura é construída pelas pessoas que não sou eu.

Essa distância entre a minha forma de pesquisar ou de *fazer imagem* da forma de pesquisar e fazer imagem pelos jovens da comunidade e, em especial do Crioulas Vídeo, se faz preciosa pelo sentimento de pertencimento dessas e desses jovens nas relações da comunidade. Por mais que a expressão escrita ou cinematográfica sempre seja um fazer criativo, o discurso que escutei após a certeza da nossa diferença de enxergar as diferentes portas de acesso para a filmagem ou para a pesquisa, pude escutar nos dois casos a mesma defesa: eles são mais à vontade. Eles pertencem, eu não.

Não estou buscando discorrer sobre esta distância como se fosse algo negativo para a minha pesquisa: ela se fez assim e assim deveria ter sido feita. Enquanto estudante branca vinda de um local de fala não-quilombola, o local de fala que minha pesquisa se quer é enquanto “outro”. E talvez seja esta distância que tenha tornado possível entender a importância da existência de um grupo criado, pensado e articulado por e para as comunidades quilombolas. Segundo Adalmir, a criação da rede Tankalé foi feita com auxílio externo para sua estruturação, mas foi detectada a importância dos educadores e oficinairos serem de maioria quilombola, para que essa narrativa audiovisual fosse composta entre pares.

O ato de documentar-se além da autonomia no produto, produz formas de se relacionar com a própria história em que é cortada a ancestralidade de formulação de uma história exógena feita pelo colonialismo. É uma forma efetiva dos integrantes

da Comunidade evitarem que a história de espólio territorial e contínua marginalização nos meios de comunicação e políticos reaverem e reverterem seu papel político. Agora, eles contam a própria história. Não significa que esta história se constrói em uníssono, mas que as vozes plurais do povo se unirão por si e não silenciadas como uma trajetória única. Os produtores quilombolas que antes eram sujeitos de pesquisa, agora são sujeitos realizadores do filme, trazendo agencialidade na construção da forma e do conteúdo dos filmes.

Esse ato de invenção é alinhado com o processo de descobrimento da identidade quilombola, que construiu em Conceição das Crioulas uma força de alinhamento de discurso e uma investida interna de construção de uma história que tenha a identidade quilombola como direcionamento. Assim como Neusa dos Sousa nos alerta sobre as vicissitudes da construção da identidade negra no Brasil, pensar a identidade quilombola não é algo inato à trajetória das comunidades negras. A identidade negra está atrelada à compreensão do local de fala do imaginário social dessas pessoas, sendo uma invenção do estar no mundo e o assumir-se enquanto pessoa negra. Esse ato de assumir-se negro é uma manifestação de resistência contra o imaginário do local que seria ocupado pela população negra, tanto urbana quanto rural (Sousa, 1983).

Os atos de resistência vividos pelos jovens do Crioulas Vídeo que criaram e criam suas vivência a partir do audiovisual são forma de realocar esses espaços (pré)destinados à população quilombola. Esses jovens ao criarem uma narrativa em primeira pessoa, trabalham diretamente com a criação de uma nova construção do imaginário social e dos locais de ocupação da população quilombola. É dessa narrativa que esses jovens atuam e interferem nesse espaço e o inventam enquanto fora das margens, mas na crista de um outro movimento de protagonismo negro e – principalmente, protagonismo quilombola.

## Referências Bibliográficas

ÁGUAS, C.L.P. “Quilombos em festa: pós colonialismos e os caminhos da emancipação social”. Tese de Doutorado. Coimbra, Portugal, 2012.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. “Os Quilombos e as Novas Etnias” in O’Dwyer, Eliane C. (org.) Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro, FGV, 2002.

------. “TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS E CONFLITOS: comentários sobre povos e comunidades tradicionais atingidos por conflitos de terra e atos de violência no decorrer de 2009” in Cadernos de debates Nova Cartografia Social: Territórios quilombolas e conflitos . Alfredo Wagner Berno de Almeida (Orgs) – Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

ARAÚJO, E. F. A. Agostinha Cabocla: por três léguas em quadra – a temática quilombola na perspectiva global-local. 217f. Dissertação de Mestrado em Ciências Jurídicas – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2008.

ARRUTI, José Mauricio A.P. “O quilombo conceitual: para uma sociologia do artigo 68 do ADT”. In: Texto para discussão: Projeto Egbé- Territórios negros (KOINONIA), 2003

BARTH, Fredrik. “Os grupos étnicos e suas fronteiras. Em: O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas”. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

Calheiros, Felipe P. Extensão Rural, identidade quilombola e vídeo: um estudo do caso de Conceição das Crioulas (Salgueiro-PE), (Dissertação de Mestrado). Recife: Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local/Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2009.

CANDAU, Joël. Memória e Identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira – 1.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

CARELLI, Vincent & GALLOIS, Dominique T. *Vídeo e Diálogo Cultural – Experiência do Projeto Vídeo nas Aldeias*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 61-72, 1995.

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder: a inocência perdida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DELEUZE, G. A Imagem-Tempo. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FERREIRA, Rebeca Campos. “O artigo 68 do ADCT/CF-88: identidade e

reconhecimento, ação afirmativa ou direito étnico?” in Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p.5-22, jul. 2010.

FLORES, Laura González. *La mirada del otro otro. La producción fotográfica de grupos minoritários*. In Orientes e occidentes. Memoria del XXVII Coloquio Internacional de Historia del Arte. México: Instituto de Investigaciones Estéticas, 2004.

GAMA, Fabiene. *A auto-representação fotográfica em favelas: Olhares do Morro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

GOFFMAN, E. “A representação do eu na vida cotidiana”. Petrópolis: Vozes, 1985.

----- . Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC.

GOMES, Joaquim Barbosa. O Debate Constitucional sobre Ações Afirmativas. In Ação Afirmativa e Princípio Constitucional de Igualdade. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas In Revista Etnográfica, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354.

MACDOUGALL, David. Significado e ser. In: Imagem-Conhecimento: Antropologia, Cinema e outros diálogos. Andréa Barbosa/Edgar da Cunha/Rose Hikiji (Orgs.). Editora Papyrus, 2009.

MARQUES, Thaís Moreno. *O “VÍDEO CRIOULO” O Projeto político audiovisual da comunidade de conceição das crioulas (PE)*. Monografia. UFRN, 2008.

MATTA, João Paulo Rodrigues. Políticas públicas federais de apoio à indústria cinematográfica brasileira: um histórico de ineficácia na distribuição. In: MELEIRO, Alessandra (Org.) Cinema e mercado. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.

MEAD, Margaret. Visual anthropology in a discipline of words”. Pp.3-10 in *Principles of Visual Anthropology*, P. Hockings (ed). Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 1995.

MELLO, Marcelo Moura. *Reminiscências dos quilombos: Territórios da memória em uma comunidade negra rural*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012

MOURA, C. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições e guerrilhas*. São Paulo: Conquista, 1972

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. São Paulo: Papyrus, 2005.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Quilombos: identidade étnica e territorialidade / Eliane Cantarino O'Dwyer, organizadora. — Rio de Janeiro : Editora FGV, 2002.

PIAULT, Marc Henri. Real e ficção: onde está o problema. In: Imagem e memória: ensaios em Antropologia Visual/ Mauro Guilherme Pinheiro Koury (org.). – Rio de Janeiro: Garamond, 2001

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989*

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política / Jacques Rancière ; tradução de Mônica Costa Netto. – São Paulo: EXO experimental org: Ed.34, 2009.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. Memórias do cativeiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCHUTZ, A. "Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos". Rio de Janeiro: Zahar, 1979 ,

SILVA, Givânia Maria da. "Vencer o Racismo Institucional: Desafios da Implementação das Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas" in Cadernos de debates Nova Cartografia Social: Territórios quilombolas e conflitos . Alfredo Wagner Berno de Almeida (Orgs) – Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010

..... "Educação como processo de luta política: A experiência de "educação diferenciada" do território quilombola de Conceição das Crioulas". Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2012.

SOUSA, Santos Neusa. Tornar-se negro : as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social – Rio de Janeiro : Edições Graal, 1983

SOUZA, V. R. F. Paiva e. "Conceição das Crioulas – PE" In Quilombos: identidade étnica e territorialidade / Eliane Cantarino O'Dwyer, organizadora. — Rio de Janeiro : Editora FGV, 2002.

SOUZA, Maria Aparecida de Oliveira. "AS MULHERES, A COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO E SUAS LUTAS: histórias escritas no feminino". Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2006.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WOLF, Eric Robert. "Europe and the people without history". University of California Press, Londres, 1923.

